

América Latina e o pós-neoliberalismo



Leia nesta edição

Editorial **pg. 3**

Tema de capa

Entrevistas

Ricardo Seitenfus: O Mercosul está num impasse **pg. 4**

Emir Sader: Processos de integração versus acordos bilaterais com os EUA **pg. 7**

Rafael Duarte Villa: Uma América interdependente **pg. 9**

Alberto Bonadona: Bolívia e a nacionalização dos hidrocarbonetos **pg. 12**

Ladislau Dowbor: O petróleo da América Latina é cobiçado
pelo Primeiro Mundo **pg. 16**

James Petras: As conquistas dos imigrantes latinos **pg. 20**

Arturo Sosa: Chávez e as novas formas de populismo **pg. 23**

Destaques da semana

Deu nos jornais:

pg. 28

Frases da Semana:

pg. 30

Destaques on-line:

pg. 32

IHU em revista

Eventos

pg. 34

IHU Repórter

pg. 57

Editorial

Na última década do século XX, a América Latina adotou o caminho neoliberal tal qual foi formatado no assim chamado Consenso de Washington. A partir da eleição de Lula, em 2002, a população latino-americana recusa este caminho. Ele não lhe serviu. Os governos de Néstor Kirchner, na Argentina, Hugo Chávez, na Venezuela, Tabaré Vázquez, no Uruguai, os sucessivos presidentes do Equador, para citar alguns exemplos, e, com mais *glamour*, a eleição de Evo Morales, indígena, na Bolívia, apontam para um outro caminho. Qual? Alguns, apressadamente, o descrevem como uma volta ao nacionalismo e ao populismo dos anos 1950. Será? Em todo o caso ele visa à superação do receituário neoliberal. Em que consiste este pós-neoliberalismo?

A presente edição, dando continuidade ao tema de capa sob o título *América Latina, um giro à esquerda?* da revista **IHU On-Line** n. 176, contribui para uma melhor compreensão do que ocorre, atualmente, na América Latina e, mais precisamente, na América do Sul. Assim, especialistas como Ricardo Seitenfus, da Universidade Federal de Santa Maria, Emir Sader, da UERJ, o venezuelano Rafael Duarte Villa, da USP, Alberto Bonadona, diretor da revista boliviana *Abc, Economía e Finanzas*, Ladislau Dowbor, da PUC-SP, Arturo Sosa, cientista político e jesuíta venezuelano e James Petras, da Universidade de Binghamton, ajudam a entender melhor "os rios profundos" da nossa América.

A leitura dessa edição complementa a elaboração das *Notícias Diárias*, da página do IHU: www.unisinos.br/ihu

Nesta semana, continua o ciclo de palestras sobre **Alternativas para uma Outra Economia**. O Prof. MS, Benedito Anselmo Martins de Oliveira, da Universidade Federal de São João del Rei, MG, abordará o tema *Cooperativismo popular no Brasil: uma alternativa sustentável?*

A todas e todos uma ótima leitura e uma excelente semana!

O mercosul está num impasse

Entrevista com Ricardo Seitenfus



Para o doutor em Relações Internacionais, Ricardo Seitenfus, a América Latina está desunida. Além disso, Seitenfus diz que o conflito deflagrado entre a Argentina e o Uruguai é lamentável.

Nesta entrevista concedida por telefone à *IHU On-Line*, o professor da Universidade Federal de Santa Maria e diretor da

Faculdade de Direito de Santa Maria (Fadisma), discorreu sobre as relações do Brasil com outros países e sobre a diplomacia do governo Lula.

Entre seus diversos livros, estão os títulos: *Manual das Organizações*

Internacionais. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2005; *O Político entre a*

Especulação e a Positividade. Barueri: Manole, 2005; *Legislação Internacional*.

Barueri: Manole, 2004 e *Historia das Idéias Políticas*. Barueri: Manole, 2004.

Seitenfus já foi entrevistado para os site do IHU no dia 22 de dezembro de 2005.

***IHU On-Line* - Como o senhor avalia a política externa brasileira e a relação com os países da América do Sul?**

Ricardo Seitenfus - A política externa brasileira tem duas dimensões importantes: uma mais ampla que tem uma política voltada para o Sul, mas não exclusivamente para o Sul. Nesse sentido, eu considero uma política “ecumênica”, visto que temos contatos comerciais e políticos profundos com os países desenvolvidos, porém, e esta é uma grande inovação, o governo atual abriu o leque de suas opções em direção à Ásia e à África. A América do Sul tem um espaço específico na política externa brasileira. Se analisarmos, por exemplo, o número de deslocamentos do Presidente Lula nestes três anos, veremos que Lula se deslocou 30% das vezes para a América do Sul, 30% para os países desenvolvidos e um pouco mais de 30% para outros países em desenvolvimento. Na América do Sul, nós temos objetivos concretos, o primeiro deles é o Mercosul, e o segundo seria a construção de uma comunidade sul-americana de nações. A questão essencial que se coloca hoje é

que a comunidade sul-americana de nações tem a intenção de fazer, é algo que está sendo construído e que, portanto, não trouxe ainda seus frutos.

***IHU On-Line* - Quais são as limitações do Mercosul?**

Ricardo Seitenfus - O Mercosul¹ já é uma realidade concreta que este governo, tanto quanto os anteriores, não souberam aprofundar, melhorar e aperfeiçoar. Nenhum governo brasileiro soube conduzir o Mercosul à altura dos desafios. Tanto é assim que o Mercosul não consegue ser um ator dos processos de crise que envolvam os seus Estados membros, especialmente esta crise das *papeleiras* entre o Uruguai e a Argentina. O Mercosul é o grande ausente deste processo. Com relação aos vizinhos mais próximos, nós vemos que o Brasil teve um problema, que vem do governo anterior, de um modelo energético que

¹ **Mercosul**: O Mercado Comum do Sul é um processo de integração entre Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai, criado com a assinatura do Tratado de Assunção, em 26 de março de 1991. O Mercosul é hoje uma União Aduaneira e seu objetivo final é evoluir à condição de Mercado Comum. (Nota da *IHU On-Line*)

mostrou as suas limitações com o famoso apagão². Então se buscaram alternativas e uma delas foi o gás boliviano. São projetos que datam, praticamente, de 20 anos e que foram concretizados agora. É evidente que o fato de a Bolívia nacionalizar suas reservas de gás, faz parte de um atributo da soberania boliviana.

IHU On-Line - O que o senhor poderia dizer sobre a forma como foi feita a nacionalização do gás na Bolívia?

Ricardo Seitenfus - Provavelmente, a forma como foi feita não foi a mais elegante entre os vizinhos, inclusive aliados, mas é necessário deixar bastante claro que, uma nacionalização, segundo o direito internacional e segundo também o que se apregoa para países vizinhos e amigos deve ser acompanhada por indenizações, caso a Bolívia não o faça de maneira voluntária. O Brasil não tem gás suficiente para a matriz energética, assim o gás boliviano é uma alternativa como também será uma alternativa o gasoduto, trazendo gás da Venezuela e que deverá ir até o Uruguai e a Argentina.

IHU On-Line - O senhor acredita que a América Latina está-se desintegrando?

Ricardo Seitenfus - A América Latina não está unida. Há um projeto, como disse, de uma comunidade sul-americana de nações, mas não se constituiu ainda num fórum, numa instituição, capaz de resolver as crises e as expectativas distintas. Nós temos hoje, no mínimo, dois grupos na América Latina, há um processo de democratização que foi acrescido de um processo de centro-esquerda, essencialmente governos de centro-esquerda ganharam as eleições na maioria dos países latino-americanos,

² Em 2001, durante o governo FHC, o Brasil teve que racionar o consumo de energia elétrica para evitar o famoso "apagão". (Nota da *IHU On-Line*)

mas, ao mesmo tempo, uma demonização dos EUA feita por um grupo de países: Cuba, Venezuela e, de certa forma, Bolívia, que é um caso especial, porque Evo Morales representa uma comunidade que foi derrotada ao longo desses cinco séculos de história. Ele representa os indígenas, os vencidos nos processos de colonização, e a visão dos vencidos, dos direitos que foram usurpados aos índios. Então, Evo Morales representa algo muito mais profundo do que esse antiamericanismo superficial e, muitas vezes, retórico do presidente Hugo Chávez.

IHU On-Line - Os EUA estão com medo de todos esses movimentos na América do Sul?

Ricardo Seitenfus - Eu estive agora em Washington, na famosa reunião do conselho permanente da Organização dos Estados Americanos (OEA) e conversei com diplomatas norte-americanos. Eles vêem que Chávez, efetivamente, tem uma verbalização muito agressiva contra os EUA, mas eles não têm receios maiores. Os americanos estão confiantes no modelo democrático que se implantou na América do Sul. Evidentemente, há governos mais ou menos simpáticos, mas eu não vejo nenhuma perspectiva, digamos, de uma intervenção americana nos assuntos internos dos Estados da região. O que eu vejo é um problema sério na Colômbia e uma luta contra o narcotráfico que pode se transformar numa luta que ultrapasse as fronteiras daquele país.

IHU On-Line - Como o senhor avalia o conflito Uruguai-Argentina pelas papeleras?

Ricardo Seitenfus - Esse conflito³ é lamentável. Podemos extrair muitas

³ Conflito entre Uruguai e Argentina em torno da instalação de duas fábricas de papel e celulose na cidade uruguaia de Fray Bentos. Para maiores informações veja as editoriais *Deu nos jornais* das edições anteriores desta revista e as "notícias diárias" do sítio www.unisinios.br/ihu das duas últimas semanas. (Nota da *IHU On-Line*)

lições dele: a primeira delas é que em questões internacionais e política externa se paga um preço muito alto quando se pratica o nacionalismo e sobretudo a demagogia. E é isso que está sendo feito pelos dois países, acrescido por uma atitude intransigente da Argentina. Eu diria que até, talvez, com má fé por parte da Argentina. O governo argentino está acobertando ilegalidades. Eu lamento que o Brasil não esteja participando de forma mais ativa e forçando uma mediação. O Brasil, ao aceitar a idéia da Argentina que se trata de um conflito bilateral, lava as mãos e atinge em cheio a sua respeitabilidade e, sobretudo, a respeitabilidade do processo do Mercosul. O Mercosul hoje está num impasse, para não dizer numa situação de deterioração. Hoje mais de 50% da opinião pública do Uruguai acha que o país deve sair do Mercosul, e essa situação é um golpe quase fatal a um processo que se iniciou com a democracia em 1986, e foi formalizado em 1991 com o Tratado de Assunção⁴ e que poderia não ser utilizado unicamente como instrumento de política comercial, e sim de política para resolver os problemas sociais, e poderia ser um instrumento extraordinário se houvesse uma inserção coletiva. Os governos progressistas da região estão cometendo os mesmos erros que os governos de direita quando o assunto é Mercosul. Eu estou muito cético, porque o nível de acusações entre os presidentes da Argentina e do Uruguai, chegou a tal ponto que dificilmente eles poderão dialogar de forma construtiva. É preciso que um terceiro país encontre uma

⁴ A assinatura, em 26/3/91, do **Tratado de Assunção**, culmina em um processo de negociações, iniciado em agosto de 1990 entre Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai. O Tratado materializa antiga aspiração de seus povos, refletindo os crescentes entendimentos políticos em âmbito regional, a densidade dos vínculos econômicos e comerciais e as facilidades de comunicações propiciadas pela infraestrutura de transporte dos quatro países. (Nota da *IHU On-Line*)

solução que não signifique a vitória de um e a derrota de outro. A solução está na defesa do meio ambiente, da qual toda a sociedade deve participar.

***IHU On-Line* - O que o senhor acha das propostas do presidente Hugo Chávez e da relação Brasil-Venezuela?**

Ricardo Seitenfus - Nas relações com a Venezuela, o Brasil deu um passo muito importante na construção de uma refinaria no Porto de Suape⁵ em Pernambuco com investimentos de mais de 2 bilhões de dólares. Na perspectiva brasileira, trazer esse gasoduto⁶, que comporia o que nós chamamos anel energético na América do Sul, seria uma integração física muito importante por meio da energia. É evidente que é uma obra com implicações ambientais e financeiras, pois ela está orçada, inicialmente, em 26 bilhões de dólares. É uma obra, porém, que viria resolver o problema de abastecimento de mercados, sobretudo no sul do Brasil.

⁵ Em 2005, foi assinado um **acordo** entre a Petrobras e a Petróleos da Venezuela S.A. (PDVSA) para a instalação de uma refinaria de petróleo em Suape. (Nota da *IHU On-Line*)

⁶ **Gasoduto:** O projeto do gasoduto sul-americano está orçado em cerca de US\$ 25 bilhões. Se construído, o duto terá 8 mil km de comprimento e trará o gás Venezuelano para o Brasil e para a Argentina. (Nota da *IHU On-Line*)

Processos de integração versus acordos bilaterais com os EUA

Entrevista com Emir Sader



Toda esta movimentação na América Latina nas últimas semanas servirá para fortalecer uma integração sul-americana. Essa é a opinião do filósofo Emir Sader. Em entrevista por telefone à *IHU On-Line*, Sader comentou, entre outros assuntos, a atitude brasileira diante de tantos acontecimentos e as decisões do Estados Unidos perante tudo isso.

Emir Sader nasceu em São Paulo, no ano de 1943. Formou-se em Filosofia na Universidade de São Paulo. É mestre em Filosofia Política e doutor em Ciência Política, ambos pela Universidade de São Paulo. Na mesma universidade, trabalhou como professor, primeiro de Filosofia, depois de Ciência Política. Foi, ainda, pesquisador do Centro de Estudos Socioeconômicos da

Universidade do Chile, professor de Política na UNICAMP e coordenador do Curso de Especialização em Políticas Sociais na Faculdade de Serviço Social da UERJ. Atualmente, dirige o Laboratório de Políticas Públicas na UERJ, onde é professor de Sociologia.

***IHU On-Line* - Qual deveria ser a posição do Brasil diante do embate entre a Argentina e o Uruguai?**

Emir Sader - O Brasil deveria ter buscado de imediato uma intermediação entre os dois países, que pudesse atender às necessidades do meio ambiente, mas, ao mesmo tempo, atender às demandas econômicas do Uruguai. Agora, a médio prazo, os países devem avançar num processo de integração, incluindo uma política de meio ambiente para toda a região, não só para o Mercosul, mas para toda a América do Sul.

***IHU On-Line* - Quais são as suas avaliações sobre a nacionalização do gás e do petróleo boliviano?**

Emir Sader - Era de se esperar. É uma reivindicação justa e profunda do povo boliviano. Não acontece da melhor maneira para todos os envolvidos, mas na realidade é muito positiva a reação de Morales. Avança para um processo de integração latino-americana. De imediato, gerou conflitos, mas o Brasil está encarando de maneira correta sem uma atitude prepotente, violenta, buscando apenas o entendimento e a compreensão dos direitos bolivianos de efetuar a nacionalização.

IHU On-Line - A Bolívia aliou-se à Venezuela nas pressões para que a Colômbia e o Peru desistam de implementar acordos de livre comércio com os Estados Unidos?

Emir Sader - O processo de integração regional só é possível autonomizando as relações com os Estados Unidos, deste ponto de vista as condutas de Hugo Chávez estão corretas. O essencial é que quem assina um acordo de livre comércio como o Chile já havia assinado, está fora do processo de integração regional, porque sua economia fica totalmente aberta à economia norte-americana. Ao acertar acordos, a Colômbia se coloca fora dos processos de integração. O Peru é um caso similar, mas o presidente Toledo, no fim de seu mandato, assinou um tratado de livre comércio que não se sabe se vai ser referendado ou não. Se for referendado, o Peru se coloca na órbita da Alca, na órbita da integração e subordinação econômica aos Estados Unidos.

IHU On-Line - E o senhor acredita que os Estados Unidos estão com medo desta movimentação na América do Sul?

Emir Sader - Eles estão comendo pelas beiradas. Estão fazendo acordo com o México, com a América Central, Chile, Colômbia, Equador, para tentar isolar o processo do Mercosul e da Comunidade Sul-Americana. Medo, eles têm, mas certamente, eles não vão ficar parados, estão tomando iniciativas que vão acumulando forças para um eventual acordo de livre comércio. Aqui no Brasil, dependeria, fundamentalmente, do retorno dos tucanos, para poder contar com um eixo fundamental na política de Bush no continente.

IHU On-Line - Então toda essa movimentação sul-americana é em prol de uma integração?

Emir Sader - De uma profunda integração. Necessário agora, é o Brasil e a Argentina fortalecerem o Mercosul para ter um marco de aliança mais ampla, que vá desde a Venezuela, Cuba, Bolívia, até Brasil, Argentina, Uruguai e outros países. Então o papel do Brasil e da Argentina é diferente dos outros. Se eles cumprirem essa ação, vai estar fortalecido e ampliado o processo de integração regional.

Uma América interdependente

Entrevista com Rafael Duarte Villa

O professor venezuelano, Rafael Antonio Duarte Villa, acredita que houve certo exagero nas repercussões da nacionalização do petróleo na Bolívia. Além disso, Villa, nesta entrevista concedida por telefone à *IHU On-Line*, discorre sobre uma integração e interdependência latino-americana.

Rafael Antonio Duarte Villa é professor do Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP). É mestre em Ciências Sociais, pela USP, com o trabalho *A Antártida no Sistema Internacional: Análise das Relações entre Atores Estatais e não-Estatais desde a perspectiva da Questão Ambiental*, 1992, e doutor em Ciência Política, pela mesma universidade, com o trabalho *Da crise do realismo à segurança global multidimensional*, 1997.

***IHU On-Line* - Como o senhor analisa as repercussões da nacionalização do petróleo na Bolívia?**

Rafael Duarte Villa –Penso que houve, neste caso, uma dose forte de reação nacionalista por parte de vários setores da sociedade brasileira. Uma reação que me parece desproporcional, porque, na verdade, nacionalizações aconteceram no passado e poucos Estados reagem da forma como se está reagindo. A resposta do governo brasileiro é correta, ponderada e inteligente, pois deve-se manter o problema nos limites da ação diplomática e daqui em diante procurar uma solução negociada com a Bolívia, porque as opções são poucas realmente. Qual seria outra opção, fechar as fronteiras? Deixar de comprar o gás boliviano? Isso é que seria um verdadeiro atentado contra o interesse nacional brasileiro. Primeiro que a própria classe empresarial iria queixar-se do governo Lula. Principalmente a paulista que hoje depende de mais de dois terços do gás boliviano para funcionar.

***IHU On-Line* - Então a oposição no Brasil está se aproveitando para criticar uma dependência do Brasil?**

Rafael Duarte Villa – Sim. O debate, se é que podemos chamar de debate, ele realmente está muito contaminado pelo clima eleitoral que se vive neste momento. Inclusive alguns setores do Itamaraty estão sendo instrumentalizados como tropa de choque.

***IHU On-Line* - O senhor acredita que esta medida da nacionalização do petróleo na Bolívia, possa ser um exemplo para outros países da América Latina com relação a outros recursos?**

Rafael Duarte Villa – Na verdade, isso é pouco provável. O que se nacionalizou foi um recurso natural que todo o Estado que o possui quer nacionalizar. Hoje, por exemplo, a Venezuela já tem o petróleo nacionalizado, o Brasil também. Brasil e Venezuela junto com Equador são os principais países com petróleo, e outros países são Colômbia, Peru e Argentina. Então o caso da Bolívia, talvez seja último caso de nacionalização deste tipo de recurso na América Latina.

***IHU On-Line* - Como o senhor viu o encontro entre Morales, Kichner,**

Lula e Chávez em Puerto Iguazú? O que podemos esperar do quarteto?

Rafael Duarte Villa – A maior parte da sociedade brasileira não entendeu ainda as motivações desse encontro. Em primeira instância, a reunião foi importante na medida em que ela aliviou uma situação que estava muito tensa entre os países. Entretanto, certamente, o que alguns setores perguntam é por que convidaram Chávez. Isso é uma parte um pouco complexa, e negativa desta nacionalização na Bolívia. De fato, o governo venezuelano assessorou fortemente o governo boliviano. Então se o Brasil e a Argentina queriam dar um recado um pouco mais forte à Bolívia, não adiantava dar só para a Bolívia tinha que dar para o governo da Venezuela também.

IHU On-Line – Mas as propostas de Chávez são viáveis?

Rafael Duarte Villa – Na verdade, algumas das propostas como os investimentos conjuntos de energia são realizáveis. Outra questão mais polêmica tem a ver com o gasoduto. É polêmico pela viabilidade do projeto, mas agora realizável ele é. Recursos para a construção existem, a Venezuela tem esses recursos e vontade política. Esse episódio, porém, vai fazer com que a opinião pública brasileira fique muito atenta às propostas da Venezuela. Eu diria que uma das questões negativas em relação à nacionalização foi exatamente o processo de integração, porque essa atitude dupla do governo da Venezuela de, por um lado, apoiar uma investida de integração energética e, de outro, estimular uma nacionalização, na verdade acaba terminando com as possibilidades de integração na medida em que gera receios e desconfiança.

IHU On-Line – O senhor acha que Chávez pode ser comparado a Fidel

Castro quando o assunto são os Estados Unidos?

Rafael Duarte Villa – Na verdade, o adversário principal dos EUA continua sendo o governo cubano. Agora é que Chávez tem emergido como ameaça. O fato de ele ter ideologizado essa posição em relação aos EUA contribui para que ele se perceba como potencial desestabilizador. Os EUA, contudo, percebem também que, apesar de todo o discurso de ideológico de Chávez, ele é mais pragmático, porque seu limite do discurso em relação aos EUA está no negócio do petróleo. Os EUA são o principal mercado para o petróleo venezuelano e Chávez sabe que isso é parte do interesse da Venezuela, contra isso ele não vai. Outra questão é que Chávez, em nenhum momento, tomou medidas drásticas como, reestatizar empresas que haviam sido privatizadas ou expulsar os investimentos privados das empresas norte-americanas. O limite do discurso de Chávez está nos negócios.

IHU On-Line – Chávez e Morales são populistas?

Rafael Duarte Villa – Certamente eles têm traços populistas. Por exemplo, a forma de comunicação com o povo. O discurso antiimperialista próprio dos governos populistas, além do traço carismático. Tem uma semelhança com Perón e Vargas por ter certos elementos autoritários. A diferença mais substantiva, todavia, seria o fato de que estes governos, Chávez e Morales, têm uma preocupação mais forte com uma melhor distribuição da renda.

IHU On-Line – Em relação ao conflito do Uruguai com a Argentina, o Brasil está assumindo uma postura omissa?

Rafael Duarte Villa – Não acredito que seja uma postura omissa. Entretanto, existe uma demanda, principalmente por parte do governo uruguaio, de uma maior participação

do Brasil neste conflito. E realmente a diplomacia brasileira deveria estar mais atenta.

IHU On-Line - Que tipo de relação está se configurando entre os países da América do Sul quando se fala em recursos naturais?

Rafael Duarte Villa - Está se configurando uma dupla relação. De um lado, em matéria energética, é onde a integração mais avança. Como todos os problemas, este parece ser o aspecto

mais concreto da integração. Isso chama a atenção para outro aspecto: firmou-se uma situação de interdependência bastante forte. O preocupante dos últimos desdobramentos é que a opinião pública ainda não tem clareza dos objetivos da integração. Então, quando se trata dos recursos naturais emergem certos interesses que tendem a privilegiar os próprios países, criando uma cultura egoísta entre eles.

Bolívia e a nacionalização dos hidrocarbonetos

Entrevista com Alberto Bonadona



Alberto Bonadona Cossío, economista com 30 anos de experiência particularmente em formulação e avaliação de projetos de desenvolvimento, sistemas de previsão social e governo eletrônico, é o atual diretor da revista mensal **ABC, Economía e Finanzas**. Foi interventor do Sistema Nacional do Sistema de Partilha, oficial maior de Desenvolvimento Econômico do Governo Municipal da cidade de La Paz. Catedrático da Universidade da Pós-Graduação Andina Simón Bolívar e da Universidade Maior de São Andrés, Bonadona é mestre e doutor em Economia pela Universidade de Pittsburgh, Pennsylvania. Escreveu diversos livros, entre os quais citamos: **Marco Regulatorio, Privatización y Reforma de Pensiones**. La Paz: Ediciones ABC, 1998. **Introducción a la Economía Política**. La Paz: Carrera de Economía, UMSA, 1999. **Bases del Gobierno Electrónico en Bolivia**. La Paz:

PRONAGOB, 2002 (Organizado com Gonzalo Reveros Tejada). **Antecedentes y consecuencias de la Reforma de pensiones en Bolivia**. La Paz: Ediciones ABC, 2003. **Los Sistemas de Pensiones en América Latina**. Santiago de Chile: Naciones Unidas, CEPAL, 2004. Bonadona concedeu, por e-mail à *IHU On-Line*, a entrevista que segue.

IHU On-Line - O que significa para um país como a Bolívia a recente nacionalização dos hidrocarbonetos?

Alberto Bonadona - Significa uma possibilidade para que o Estado boliviano obtenha excedentes econômicos muito importantes que, se os dirige adequadamente para o financiamento de projetos que gerem valor agregado, se poderiam alcançar melhores índices de desenvolvimento econômico e social da Bolívia. Esses excedentes podem permitir o desenvolvimento da indústria de derivados dos hidrocarbonetos, a termoelétrica e finalmente a petroquímica. Para alcançar estas finalidades, sem dúvida, os grandes

pressupostos são, primeiro, que se respeite a estabilidade macroeconômica; segundo, que a nacionalização adotada seja dirigida exclusivamente ao setor petroleiro; terceiro, desenhem-se e implantem-se regras claras, coerentes e de alcance com relação ao tratamento do investimento estrangeiro tanto no setor real como no financeiro da economia.

IHU On-Line - Como avalia a forma e o momento eleito por Evo Morales para realizá-la?

Alberto Bonadona - É, possivelmente, o melhor momento que a Bolívia tenha tido em sua história. Por uma parte, pelo contexto internacional não só pelo

apoio político de países vizinhos, mas também de alguns países europeus, que vêm uma sociedade pobre, com uma das distribuições mais desiguais da América Latina, com os ingredientes sociais e políticos que potencialmente poderiam encaminhar transformações sociais relevantes. Por outra parte, pelo apoio majoritário que este governo obteve em sua eleição. Ambos os aspectos, externo e interno, podem obter condições propícias tanto para alcançar uma estabilidade política, que não é o denominador comum da história imediata, como para que a negociação com as empresas petrolíferas alcancem objetivos favoráveis para os dois lados. Um aumento da renda petrolífera que o Estado boliviano possa obter pode converter-se em uma alavanca fundamental para o desenvolvimento, a não ser que se dilapidem em gasto corrente, como, por exemplo, aumentos salariais. A negociação com as empresas petrolíferas que atuam na Bolívia é fundamental para a nacionalização assumida.

IHU On-Line - Houve pressões internas para essa medida? O presidente Chávez está relacionado?

Alberto Bonadona - A grande pressão que houve para esta medida foi o *referendum* que se realizou o ano passado, no qual se consultou a população boliviana a respeito da nacionalização e cuja maioria foi a favor do sim. Também se pode considerar uma motivação política de cumprir o quanto antes a promessa eleitoral de nacionalização do gás, feita pelo presidente Morales na campanha eleitoral. Não acredito que o presidente Chávez esteja diretamente relacionado com uma decisão desta índole. Existe um apoio em distintas áreas por parte do governo venezuelano ao governo boliviano, mas não considero que tenha ingerência na decisão da medida de nacionalizar o gás.

IHU On-Line - Como avalia o encontro dos quatro presidentes em Porto Iguazú, na Argentina?

Alberto Bonadona - Considero que o encontro tem um valor mais político que econômico, principalmente no que se refere às expressões de solidariedade com o governo boliviano e o respeito às decisões soberanas deste. Nos efeitos da nacionalização, o Presidente Lula foi claro ao declarar que os preços de gás que se exportam da Bolívia para o Brasil devem ser negociados com a Petrobras.

IHU On-Line - O que se pode prever a partir desse encontro?

Alberto Bonadona - É possível que, de algum jeito, as posições das empresas, Petrobras e Repsol-YPF⁷ se suavizem para a negociação dos novos contratos que se devem assinar em 180 dias a partir de 1º de maio. Uma das declarações do Presidente do Brasil apontou que se deve ser indulgente e solidário com a Bolívia, dada a pobreza daquele país. Pode ser que estas declarações ajudem na negociação, embora eu não esteja seguro disso, porque estamos falando de negócios, contratos, lucros e condições que vinculam relações comerciais e não de beneficência. No fundo, o encontro foi de caráter mais simbólico e, portanto, político, cujos impactos não se traduzem no campo econômico que é o que mais interessa à Bolívia e aos bolivianos neste momento.

IHU On-Line - Como avalia a atuação da Petrobras na Bolívia? Que continuidade pode haver?

Alberto Bonadona - Acredito que é uma das empresas mais sérias que atua

⁷ **Repsol-YPF:** Empresa petrolífera hispano-argentina atuante na Bolívia. Uma das multinacionais obrigadas a entregar as propriedades para a empresa estatal YPFB, Yacimientos Petrolíferos Fiscales Bolivianos, que assumirá a comercialização da produção, definindo condições, volumes e preços tanto para o mercado interno quanto para exportação. (Nota da *IHU On-Line*)

na economia boliviana. A sua continuidade está altamente garantida porque é de interesse da empresa, como do Estado boliviano, permanecerem associados na produção de gás e em outros acordos industriais que podem ocorrer no futuro. As posições que ambos podem passar para o público é de aparente dureza, mas a nenhuma das partes convém romper com a outra.

IHU On-Line - O que pode acontecer com as outras empresas de gás maiores e menores na Bolívia?

Alberto Bonadona - Em geral, todas expressaram boa predisposição para chegar aos melhores acordos dentro das novas regras estabelecidas no decreto de nacionalização. Novamente, estamos falando de interesses recíprocos que podem chegar a bons acordos, especialmente tomando em conta que os preços dos hidrocarbonetos continuam em ascensão e dadas as reservas provadas de gás que a Bolívia possui. Mais ainda, observa-se que, como nunca, a Bolívia tem demanda, particularmente da República do Chile, disposta a comprar a preços que, no momento, outros países consideram inaceitáveis.

IHU On-Line - De seu ponto de vista, são necessárias medidas semelhantes à da nacionalização de hidrocarbonetos em outras áreas da economia boliviana?

Alberto Bonadona - De maneira nenhuma, porque não existem similares situações, nem pelo lado da produção, nem pelo lado da demanda. Os investimentos em mineração, por exemplo, considero que têm a garantia do Estado e seria muito insensato por parte dos atuais governantes pensar a repetição em outros setores do acontecido com os hidrocarbonetos.

IHU On-Line - Que saídas considera urgente para que a economia do Continente tome novos caminhos?

Alberto Bonadona - Até agora se manteve uma discussão que qualifico de inócua entre o mercado e o Estado. Em todo o continente, é necessário que se conjuguem ambos os mecanismos na busca de melhores condições de vida para as populações empobrecidas que majoritariamente habitam os países do continente. Partindo de que, em geral, ingressou-se em uma prática sã do manejo da política macroeconômica, existem muitos âmbitos na economia que se devem reformar, procurando maior equidade e maior desenvolvimento. Para isso, é imprescindível uma convivência harmoniosa do mercado e do Estado na atribuição e transformação de recursos.

IHU On-Line - Poderia comentar o chamado da Condoleezza Rice a frear o "eixo populista" na América Latina?

Alberto Bonadona - O importante dos qualificativos como "populista" é que não definem o que significam exatamente. Não acredito que se possa colocar na mesma bolsa os governos da Argentina, do Brasil, do Chile, da Venezuela, de Cuba e da Bolívia como populistas. O Chile tem no governo o Partido Socialista como a Bolívia o Movimento para o Socialismo e nem por isso são idênticos, nem os socialismos, nem os populismos. O que faz Chávez em seu país saberá por que o faz e como o faz, assim como os venezuelanos saberão por que e como Chávez continua no poder. Preocupa-me quando os Estados Unidos iniciam este tipo de campanhas porque sempre concluíram com intervenção. A política externa do presidente Bush, quanto aos recursos energéticos demonstra temor, e a senhora Rice⁸ aplica essa forma de política na América Latina.

IHU On-Line - São viáveis as possibilidades de construção de

⁸ Condoleezza Rice: secretária de Estado norte-americana.

uma integração energética na América Latina?

Alberto Bonadona- Acredito possível e necessário. Do ponto de vista da Bolívia pode ser muito vantajoso porque permitiria que os preços se estabeleçam mais em consonância com as forças do mercado e longe de acordos bilaterais que, como os atuais contratos que tem a Bolívia, não incorporam os vaivens que apresentam os preços e causam desajustes quando as condições que deram início aos contratos mudam.

IHU On-Line- Como o senhor avalia as declarações do presidente Morales em Viena sobre a ilegalidade da Petrobrás?

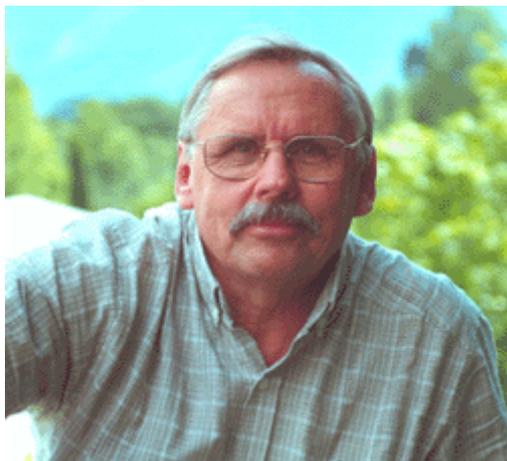
Alberto Bonadona- O Presidente da Bolívia, ao falar de atos ilegais da Petrobras, referiu-se principalmente aos contratos assinados no governo de Sánchez de Lozada⁹, e que, como contratos de outras empresas capitalizadas, não foram homologados pelo Congresso e, portanto, são ilegais de acordo com a Constituição boliviana. Porém, as empresas estiveram operando na Bolívia já perto de dez anos, em consequência se pode aludir que houve uma situação que engendrou direitos de fato para as empresas. Não obstante, a obrigação de cumprir com esse passo legal era uma obrigação tanto do Estado boliviano como da empresa, que não foi observado. Além das conotações legais é necessário observar o contexto do entorno nacional e internacional. As declarações com o tom e conteúdo empregado pelo Evo Morales podem

entender-se como uma forma de exercer uma pressão que poderia qualificar-se de favorável para as negociações que agora se levam a cabo e têm, sem dúvida, uma carga política que busca uma adequação dos termos dos contratos negociados e das respostas dos governos reunidos em Viena. Para o bem ou para o mal, a Bolívia está sendo escutada hoje como nunca o foi antes.

⁹ **Gonzalo Sánchez de Lozada:** político, economista e empresário boliviano. Presidente da Bolívia em duas ocasiões (1993-1997; 2002-2003). Membro do direitista Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR). Durante seu primeiro mandato, promoveu um intenso programa de privatizações e uma política neoliberal. No segundo mandato, continuou com a política neoliberal que foi mal recebida pelos mineiros e cocalheiros, o que o levou a renunciar o cargo em 2003, depois de uma forte pressão popular. (Nota da *IHU On-Line*)

O petróleo da América Latina é cobiçado pelo primeiro mundo

Entrevista com Ladislau Dowbor



As relações internacionais do Brasil têm sido, prioritariamente, com os Estados Unidos. É o que pensa Ladislau Dowbor, formado em Economia Política pela Universidade de Lausanne, Suíça, e doutor em Ciências Econômicas pela Escola Central de Planejamento e Estatística de Varsóvia, Polônia.

Atualmente, é professor titular no departamento de pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, nas áreas de economia e administração. Faz consultoria para diversas agências das Nações Unidas,

governos e municípios. Atua como conselheiro na Fundação Abrinq, Instituto Polis, Transparência Brasil e outras instituições.

Nesta entrevista concedida por telefone à *IHU On-Line*, o professor fala do impasse ecológico em que o mundo se encontra e uma necessidade de reafirmação política da América Latina.

Dowbor é autor e co-autor de cerca de 40 livros, e de numerosos artigos. Destacam-se os livros *Aspectos econômicos da Educação*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986; *Introdução ao Planejamento Municipal*. São Paulo: Brasiliense, 1987; *Formação do Terceiro Mundo*. São Paulo: Brasiliense, 1995; *O que é capital?* São Paulo; Brasiliense, 10 ed, 2004. O seu livro sobre a economia brasileira, *Formação do Capitalismo Dependente no Brasil*, São Paulo, 1982, foi publicado na Polônia, na França e em Portugal, além da edição brasileira pela Brasiliense.

***IHU On-Line* - Como o senhor avalia a nova realidade econômica e social que está se configurando na América Latina?**

Ladislau Dowbor - A América Latina é uma particularidade no mundo. É hoje o subcontinente de maior desigualdade. Esta desigualdade o Brasil conhece bem, nós temos 1% de famílias mais ricas que consomem 14% do que o país produz e 90 milhões de pessoas, que são 50%, mais pobres, que consomem 12%. Portanto, as madames que fazem

compras na Daslu e em Miami, consomem mais que 90 milhões de brasileiros. Isto é absolutamente insustentável no mundo moderno! É de longe o problema número um. Os países da América Latina têm uma concentração de renda extrema, por razões históricas e modernas do tipo de relação com o mundo financeiro internacional. Outro ponto é relativo à propriedade dos direitos e do comportamento em relação aos bens comuns, na área do meio ambiente. A

América Latina tem reservas de petróleo, de gás, tem imensas reservas de água que hoje estão sendo olhadas com muito interesse, enfim, é um subcontinente onde tradicionalmente a apropriação dos recursos naturais atrai cobiça. A relação internacional do Brasil tem sido, prioritariamente, com os Estados Unidos, que não se privam de explorar as nações. A relação com a Nicarágua e com o Equador nas áreas do petróleo, com contratos absolutamente, draconianos¹⁰ e cujo mecanismo está exposto no livro *Confessions of an Economic Hit Man*¹¹, que é um dos mais lidos nos EUA, porque traz o depoimento de um economista que conta como eram negociados os contratos.

Os recursos naturais nesta nova configuração

Na conservadora revista norte-americana *The Economist*, de 7 de janeiro de 2006, que comenta a política de Hugo Chávez, diz o seguinte: “...em 2004 ele aumentou unilateralmente os *royalties* sobre o cru pesado¹² produzido na região de Orinoco¹³ de

¹⁰ **Draconianos:** Relativo à Drácon. Drácon de Atenas era um legislador ateniense (século VII a.C.) Arconte de origem aristocrática, Drácon recebeu em 621 a.C. poderes extraordinários com a missão de publicar o que mais tarde ficou conhecido como leis draconianas, o primeiro código ateniense a ser escrito. As leis draconianas têm um importante papel na história do Direito, por serem o primeiro código de leis, delineado em Atenas em 621 a.C. por Drácon. Seus detalhes perderam-se no tempo, mas aparentemente estas leis eram sempre favoráveis aos eupátridas e cobriam penas extremamente severas aos infratores. (Nota da *IHU On-Line*)

¹¹ *Confessions of an Economic Hit Man.* No Brasil o livro foi lançado com o nome *Confissões de um Assassino Econômico* de John Perkins. Best-seller nos Estados Unidos e na Europa, o livro coloca o dedo nas feridas que o imperialismo norte-americano abriu no restante do mundo. *Confissões de um Assassino Econômico.* São Paulo: Editora, 2004. (Nota da *IHU On-Line*)

¹² Derivado de petróleo. (Nota da *IHU On-Line*)

¹³ O rio **Orinoco** tem a terceira maior bacia em importância da América do Sul, cobre uma área de 948.000 km². É o principal rio da Venezuela, abrangendo quatro quintos do território do país

1% para 16,6% e possivelmente o elevará para 30%”. Continua o artigo: “... em 2005 ele aumentou o imposto pago por empresas petroleiras de 34% para 50%”. Se considerarmos que essas empresas pagavam 1% de *royalties* isso é surreal. Isso causou um choque. Estou pegando o exemplo do petróleo porque é atual. Na realidade, temos uma tradição de relacionamento desigual em relação aos bens que são da terra. Esses bens têm um caráter diferente, porque uma coisa é produzir tênis e competir no mercado. Outra coisa é extrair bens naturais em que se paga apenas o custo da extração e não da produção. Com as novas tecnologias, o custo de extração se tornou mais barato. Hoje com uma motosserra, tratores e componentes químicos, limpa-se uma floresta com extrema rapidez. Então os bens públicos se encontram desprotegidos. As empresas americanas se aproveitam disso, pois elas têm um imenso poder de negociação fortemente apoiado pelas embaixadas e pelo governo norte-americano. Isso resulta num processo extremamente desigual. O resultado prático é que isso trouxe um empobrecimento dos recursos naturais na América do Sul, sem promover um desenvolvimento correspondente. O petróleo está no centro disso porque o petróleo está acabando. Entre os otimistas e os pessimistas, uns acham que o grande aperto vai começar em 2035. O fato é que este nosso pequeno espaço nave terra, veio com tanques de combustíveis chamados petróleo que levou centenas de milhões de anos para se acumular e nós teremos terminado com ele em 200 anos. O petróleo, portanto, está subindo, logo, é natural que os países produtores de bens naturais se reapropriem das suas

percorrendo sinuosamente por 2.740km. (Nota da *IHU On-Line*)

riquezas e cobrem do mundo primeiro mundo, que já é rico, preços mais altos.

IHU On-Line - Diante desse quadro que o senhor apresentou, está surgindo, na América Latina, uma nova economia afinada com os problemas atuais?

Ladislau Dowbor - O Banco Mundial publicou um relatório, anual, sobre os indicadores no mundo, passando a contabilizar a extração do petróleo não como aumento do PIB, mas como descapitalização do país, o que é bastante natural. Quando vendemos os imóveis, não podemos dizer que estamos melhorando de situação. Estamos vendendo a riqueza das futuras gerações. Isso aí é uma inovação, não, propriamente do Banco Mundial, mas de pressões muito fortes dos organismos de pesquisa. Nós temos que contabilizar de maneira diferente o capital acumulado que temos e a produção. Se produzimos citrus¹⁴ e exportamos suco de laranja, efetivamente, produzimos alguma coisa. É um processo renovável. Quando vendemos nosso petróleo, ou coisa do gênero, vendemos nosso futuro. Isso não vai ser repostado. Então sobre a distinção entre a produção, digamos, da linha da transformação e a extração de bens naturais, que são bens comuns, há uma diferença grande. Isso aponta para uma outra visão de contabilidade nacional e estratégia de desenvolvimento. Em outras linhas, nós temos conceitos que estão surgindo sobre a avaliação do bem-estar das populações. Por exemplo, se temos uma grande área que é invadida pela soja e dizemos que o município x aumentou o seu PIB, temos que contabilizar o seguinte: pode ser que haja pequenos

¹⁴ **Citrus** é um termo comum ou gênero de planta com flores da família *Rutaceae*, originárias do sudeste tropical e subtropical da Ásia. Seu gênero contém três espécies e numerosos híbridos naturais e cultivados, incluindo frutas comercialmente importantes como a laranja, limão, toronja, lima e tangarina. (Nota da *IHU On-Line*)

produtores que tenham sido expulsos pela grande propriedade e vão povoar favelas de cidades da região. O custo de sustentar esta gente empobrecida vai se transformar em imposto. As empresas não costumam calcular isso e só pensam em aumentar o PIB local. Isso desloca a visão da gente para uma visão do bem-estar das populações, o que é significativo. Em última instância, queremos viver bem, sem viver à custa das gerações futuras, o que implica sermos economicamente viáveis, sermos socialmente justos e ambientalmente responsáveis. A aliança destes três critérios gradualmente define uma outra ciência econômica.

Sobre a escassez de água

A água está se tornando o ouro azul. Nós temos hoje mais de 1 bilhão de pessoas que não têm acesso à água limpa e, no ano retrasado, morreram 4 milhões de crianças por este motivo, portanto já é uma tragédia planetária. Em outro nível, nós temos que considerar que grande parte das reservas de água que utilizamos para a agricultura, são lençóis freáticos subterrâneos. As camadas do subsolo que contêm água constituem um reservatório que está embaixo dos pés de um agricultor. Antigamente, ele abria um poço e tinha que puxar água com baldes. Hoje, com as tecnologias se fazem poços tubulares a 300, 400 metros de profundidade e vai extraindo água com máquinas. A cada ano, o lençol freático baixa, porque a água da chuva não consegue recompor tudo. Isso significa que, a cada ano, se tem que cavar mais profundamente para encontrar água. A chuva não consegue repor no mesmo nível a extração de água. Isso está se configurando em uma tragédia. O Fred Pearce¹⁵ que apresenta

¹⁵ **Fred Pearce**: Colaborador dos jornais britânicos *The Independent* e *The Guardian* e autor de livros sobre a questão ambiental. Entre seus livros estão: *When Rivers Run Dry*. New York, 2006; *O*

estes dados faz uma entrevista com um agricultor indiano que diz: "... eu sei que a água está desaparecendo, mas eu tenho que viver e se eu parar de puxar meu vizinho vai puxar igual e ela vai acabar da mesma maneira". Este exemplo mostra que o simples mecanismo de mercado, cada um competindo com o outro, não resolve o problema e estamos chegando a um impasse planetário extramente grave. Se considerarmos que a água é a base da vida, estamos falando de algo crucial. O fato é o seguinte: um subcontinente como a América Latina que dispõe de grande quantidade de água, e o Brasil está numa situação favorável, pode passar a ser um grande exportador do que se chama hoje de água virtual. Porque se exportamos mil toneladas de trigo, por exemplo, exportamos um bilhão de toneladas de água (pois é 1m³ para cada kg de trigo). Na realidade, à medida que se expande o volume de consumo de cereais, principalmente na China e na Índia, o potencial da América Latina, na área de água, se torna estratégico no planeta. Se ocorre uma privatização da água, e uma empresa adquire o monopólio, ela pode vender ao preço que quiser, porque ninguém vive sem água. Em Honduras, onde foi privatizada a água, as famílias pagavam 35% de sua renda para comprar água. No eixo água como no eixo do petróleo, que são eixos de expansão econômica, se a América Latina não resgatar o direito a suas decisões políticas sobre os seus interesses, vai simplesmente ficar com a casca da banana.

IHU On-Line - Como o senhor avalia as acusações dos EUA aos governos de Evo Morales e Hugo Chávez de populistas?

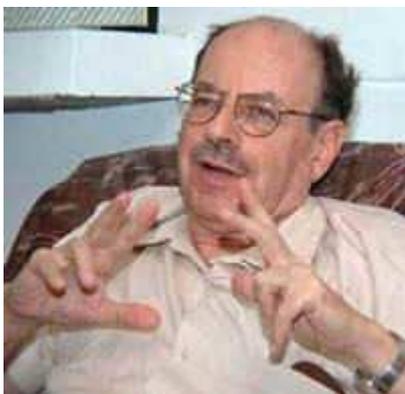
Ladislau Dowbor - Para os EUA, significa que eles vão ter que pagar

aquecimento global. Publifolha: São Paulo, 2003, *O efeito estufa*, 1991.

mais caro pelo petróleo e que parte do lucro que era das grandes empresas petrolíferas norte-americanas, ficará nos países de origem. Empresas inglesas pagavam no Oriente Médio 50 centavos o barril e se considerarmos que hoje estas empresas vendem o petróleo a 70 dólares, o lucro delas está sendo fenomenal. As empresas norte-americanas foram convocadas meses atrás para explicitar seus lucros, não por iniciativa do Senado, mas pela indignação da população com os preços que estavam sendo cobrados por estas empresas. O populismo neste caso é o seguinte: Morales e Chávez defendem o interesse de seu povo. A pressão pelos resgates dos bens públicos nestes países é muito grande. No caso da Bolívia, uma população andina, que foi explorada durante séculos, é a primeira vez que ela levanta a cabeça e diz um basta. A América Latina entra numa fase de transformações, porque não podemos continuar a fazer economia para meia dúzia de países.

As conquistas dos imigrantes latinos

Entrevista com James Petras



Sociólogo e professor aposentado da Universidade de Binghamton, em Nova Iorque, autor de diversos livros, como *Brasil e Lula: Ano Zero*. Blumenau: Edifurb: 2005, James Petras, conversou por telefone de sua residência em Nova Iorque, com a *IHU On-Line*, na sexta-feira passada. Petras, acaba de voltar aos EUA de sua viagem ao Brasil onde assinou o contrato da publicação de um novo livro com a editora Xama, sobre as multinacionais.

O livro, que circulará no Brasil em outubro, provavelmente tenha como título *Multinacionais: os hóspedes não-convidados*. O sociólogo comentou suas impressões sobre a conjuntura brasileira, as mudanças na América do Sul e os movimentos de imigrantes nos Estados Unidos.

***IHU On-Line* - Como encontrou o Brasil, em sua recente visita?**

James Petras - Se nos guiamos pelos jornais, parece um país tomado pela corrupção. Pelo menos, na classe política tudo parece corrupto e cheio de escândalos, sem capacidade de enfrentar os grandes temas de desemprego, estagnação econômica e falta de uma direção que possa modificar o País, utilizando as potencialidades que ele tem. Encontrei o mundo intelectual em declínio, com uma sensação de recuo. Os mais felizes que encontrei foram os banqueiros e setores empresariais. Contavam-me que estão felizes com a política de Lula, que parece estar casado com o capital financeiro.

***IHU On-Line* - Que seria esse recuo dos intelectuais?**

James Petras - Há menos agilidade política. Muitos tinham grandes expectativas no governo e ficaram desmoralizados. Estão mais concentrados nas suas carreiras acadêmicas, outros buscam conjugar

vários tipos de trabalho, porque precisam sobreviver.

***IHU On-Line* - Como acompanhou nas últimas semanas as notícias que chegavam dos outros países da América Latina como Bolívia, Argentina, Uruguai?**

James Petras - Considero que estamos diante de uma divisão na América Latina. Além da pressão constante de Washington para derrocar os governos da Venezuela e da Bolívia, eu estou impactado pelas divisões, por exemplo, entre Argentina e Uruguai pela questão das fábricas de papel. Em segundo lugar, o conflito entre Petrobras e a Bolívia. Não esperava a onda de chauvinismo que estava despertando, por exemplo, a *Folha de S. Paulo* a cada dia com notícias que fomentavam o chauvinismo contra os bolivianos. Estamos vendo que a política de Lula está mais perto de Washington que Bolívia e Venezuela. Devemos diferenciar as esquerdas e os socialismos no Continente. Considero que as diferenças entre Chávez e Lula são bastante profundas. A postura do

Brasil e Uruguai está mais afinada com os EUA que seus vizinhos. Argentina é um caso singular, porque parece que não está em conflito com a Bolívia, até o momento Kirchner não se manifestou a favor de Repsol-YPF. É evidente que a visão de que todos marcham juntos rumo à independência é muito prematura. As medidas de Morales são diferentes das de Lula. Enquanto este privatiza, aquele nacionaliza. Essas diferenças podem levar a repensar toda a política no Cone Sul, inclusive no Brasil.

IHU On-Line - Chávez e Evo Morales estariam em um mesmo rumo?

James Petras - Há uma diferença, Chávez está no governo há muito mais tempo, tem muito mais riquezas de petróleo, já sobreviveu a um golpe de Estado...Em todo caso, há uma colaboração e simpatia entre ambos presidentes que fortalece a postura de Evo Morales. Se não fosse assim, Morales ficaria muito vulnerável, porque Cuba não pode fazer mais do que emprestar um apoio em educação e saúde, mas em relação à economia e à diplomacia, a Venezuela está dando um grande apoio a Morales. Em todo o caso, acho que os EUA estão muito ativos, tentando explorar qualquer diferença inclusive possivelmente estimular o Brasil a tomar medidas militares contra a Bolívia. Não sei em que grau possa estar avançada essa questão, mas seguramente tenham feito contatos com setores da direita no Brasil, usando-os como instrumentos de sua política.

IHU On-Line - Como o senhor vê todo o movimento de uma outra América Latina, aquela que está radicada nos EUA, especialmente a grande manifestação realizada no último 1º de maio?

James Petras - Devemos levar em conta que o Congresso norte-americano está discutindo a legislação que poderia encarcerar milhões de pessoas e

expulsar famílias inteiras. Um extremismo, em parte fomentado pela Casa Branca, que ultrapassou o próprio Bush, com medidas como a expulsão e o encarceramento. O extremismo foi a última gota que levou a estes movimentos a expressar uma série de coisas. O movimento é uma expressão da história dos povos que tem sofrido em seu próprio país e agora sofrem novamente as más condições de vida nos EUA, para ganhar algum dinheiro para enviar a suas famílias. Este movimento ganhou um tremendo dinamismo e começou a pressionar, não só para mudar a legislação policial, mas "sem papéis", criticaram-me porque, quando escrevo sobre o assunto, penso mais nos latino-americanos, embora estes sejam a maioria abrumadora. Os latinos parecem ter mais coragem e parece que são os que têm mais a perder.

IHU On-Line - Quais são as posturas atuais dentre e fora dos movimentos de imigrantes em relação a suas reivindicações?

James Petras - Em primeiro lugar, estão todas as ONGs e organizações tradicionais, especialmente as relacionadas ao México e outros países latinos, com a Igreja e com alguns políticos e legisladores na Califórnia que estão fazendo todo o possível para a legislação permitir que os estrangeiros votem. Também consideram o movimento um trampolim para conseguir eleitores que possam votar contra os partidos tradicionais. Eles não têm articulação com as outras mobilizações de imigrantes. O problema é que 80% dos imigrantes não têm documentos para registrar. Então estão falando de uma minoria, no máximo 1 milhão de votantes e há 11 milhões de latinos, sem contar os de outras procedências, que estão preparando novas mobilizações, mas vão dar um tempo para ver que acontece no Congresso. Uma terceira tendência é a que tenta dar uma forma

organizativa ao movimento espontâneo que ocorreu, são os mais dinâmicos e radicais. Pensam que só um movimento mais orgânico pode resolver os problemas. Eles têm uma visão mais ampla, não distinguem entre velhos residentes e novos, legais ou ilegais. Eles temem que a legislação possa dividir o movimento. Há uma legislação de Tedd Kenedy que quer dar a cidadania em quatro anos a pessoas que estão morando nos EUA há pelo menos 3 anos ou mais. Isso exclui os que chegaram nos últimos dois anos. Esse tipo de coisas é rejeitado por esse movimento. Eles partem de que todos são trabalhadores que têm direito a serem legalizados.

IHU On-Line - Qual é sua previsão sobre a continuidade deste movimento?

James Petras - Penso que a dinâmica está na espera do que vai acontecer no Congresso. Considero possível que a legislação não chegue a um acordo, apesar de os conservadores e liberais fascistas proporem uma medida para abrir um caminho em que alguns imigrantes sejam legalizados, talvez 5 ou 6 milhões. O problema é que essa medida poderia dividir o movimento ou, ao contrário, poderia fomentá-lo para que essa conseguida reforma, devesse haver mais pressão para que mais fosse alcançado. Por enquanto é uma etapa de organização e reflexão. Os imigrantes, especialmente latinos, estão com muito orgulho de suas conquistas e continuam se organizando.

IHU On-Line - A emigração de mexicanos- maioria dos imigrantes nos EUA- cresceu a partir do Nafta?

James Petras - Em grande parte, os emigrantes mexicanos são conseqüências do Nafta¹⁶, que permitiu

a entrada de vários produtos agrícolas norte-americanos que destruíram a pequena e média agricultura em vários setores: porcos, milho, frango. As pessoas que saíram de lá, muito dificilmente voltarão ao México para cultivar novamente. Em grande parte, a luta contra o Nafta está no México. Minha impressão é que são os mexicanos imigrantes que lutam nos EUA por conquistas e apoio material para enviar às suas famílias que ficaram no México, cultivando seu terreno. Muitos deles se consideram norte-americanos maltratados, explorados e criminalizados. A reivindicação deles é aqui. As bandeiras dos EUA, que muitos utilizaram na grande manifestação do 1º de maio, foi para influenciar o público e os operários norte-americanos, dizendo “nós não somos a quinta coluna de outro país. Aqui trabalhamos e aqui queremos reivindicar nossa luta”.

¹⁶ Nafta: O Tratado Norte-Americano de Livre Comércio (*North American Free Trade Agreement*) ou NAFTA é um tratado envolvendo Canadá, México e Estados Unidos da América numa atmosfera de livre comércio, com custo

reduzido para troca de mercadorias entre os três países. O NAFTA entrou em vigor em 1º de janeiro de 1994.

Chávez e as novas formas de populismo

Entrevista com Arturo Sosa



“O que hoje caracteriza o “chavismo”, é o resultado de um longo processo ideológico e organizativo que nasceu no seio das forças armadas venezuelanas.” A afirmação é de Arturo Sosa, jesuíta, ensaísta e historiador venezuelano, doutor em Ciências Políticas, e a partir de setembro de 2004, reitor da Universidade Católica del Táchira, na Venezuela.

Arturo Sosa também é professor em diferentes universidades, entre as quais se destacam a Universidade Católica Andrés Bello

e a Universidade Central de Venezuela. O pesquisador concedeu por e-mail à *IHU On-Line*, a entrevista que segue.

***IHU On-Line* - Como definiria o atual momento da América Latina?**

Arturo Sosa - A América Latina entra em um momento de definições tanto no que se refere aos projetos nacionais, quanto aos continentais pelo processo conhecido como integração latino-americana. Mais de um século de esforços de desenvolvimento não obtiveram níveis aceitáveis de justiça social. A pobreza e diversos tipos de discriminação étnica, cultural, social e política caracterizam a vida da maioria dos latino-americanos. Definições estas que se encontram sob o questionamento tanto das formas de integração que se vieram gerando nos últimos cinquenta anos como as que propuseram recentemente os Estados Unidos da América do Norte, ou as que foram sugeridas pelos posicionamentos do presidente da Venezuela, Hugo Chávez. A integração latino-americana nos tempos atuais está diretamente vinculada ao processo de globalização ou mundialização, e como se relaciona uma com a outra é uma dimensão que precisa ser enfrentada na hora das definições. As distâncias ideológicas entre os líderes latino-americanos e os radicalismos com reflexos de

fundamentalismo de alguns grupos de seus seguidores fazem muito complexa a tarefa destas definições que devem converter-se na visão compartilhada conseguida mediante planos estratégicos de desenvolvimento tanto nacionais como regionais e continentais. Obtidas as definições poderão ser avaliadas as possibilidades da integração em seus diferentes aspectos.

***IHU On-Line* - Uma dessas formas de integração seria a energética?**

Arturo Sosa - A questão energética é de primeira importância para o presente e o futuro dos povos da América Latina e o mundo. Não é um segredo que a briga pelos recursos energéticos, tradicionais e alternativos, é uma das áreas de tensão e de possíveis conflitos mundiais no século XXI. Aproveitar os recursos energéticos da América Latina dentro de um programa de integração para garantir uma melhor qualidade de vida para o povo tanto com um uso racional como por meio de sua comercialização é um dos maiores desafios do futuro imediato. Tal como está exposto neste momento encontra obstáculos de todo tipo, não superáveis a base de puro

voluntarismo, que tornam muito difícil para que se possa levar a termo.

***IHU On-Line* - O que caracteriza o "chavismo"?**

Arturo Sosa - O que hoje caracteriza o "chavismo", porque a figura do Hugo Chávez se converteu na referência indiscutida e necessária, é o resultado de um longo processo ideológico e organizativo que nasceu no seio das forças armadas venezuelanas com o calor da sensibilidade de um grupo de jovens oficiais, entre os quais se encontrava Hugo Chávez, e uma das estratégias dos grupos de esquerda socialista radical que participaram da luta armada da década dos sessenta do século XX. Do ponto de vista ideológico, esse movimento se nutre de fontes diversas que vão do republicanismo, especialmente as versões vinculadas aos gestores da emancipação americana, entre os quais se destaca Simón Bolívar¹⁷, os nacionalismos, incluindo os que pretendem fazer dos habitantes originários da América e suas culturas o coração do novo sujeito histórico, distintas versões do socialismo, incluindo algumas idéias do comunismo clássico. No atual momento histórico, o movimento chavista é antineoliberal. Além disso, é fortemente crítico dos sistemas políticos prevalentes na América Latina nos quais, sob o título de democracia representativa, se escondem as dominações tradicionais das oligarquias crioulas e suas alianças com o imperialismo norte-americano. A liderança fundamental deste movimento tende a desconfiar das organizações civis, especialmente dos partidos políticos policlassistas, e está convencida tanto da eficácia organizativa como das raízes populares dos militares venezuelanos para converter as forças

¹⁷ Simón José Antonio de la Santísima Trinidad Bolívar Palacios y Blanco (1783-1830): general e líder revolucionário responsável pela independência em relação à Espanha de vários territórios da América do Sul. (Nota da *IHU On-Line*)

armadas em uma organização capaz de levar adiante o processo de transformação das instituições públicas e identificá-las com os verdadeiros interesses populares.

O apoio de Chávez

O chavismo obtém o controle dos poderes públicos por meio de processos eleitorais em que consegue o apoio de quem comunga com sua plataforma ideológica e, sobretudo, dos descontentamentos com os efeitos devastadores da aplicação das políticas econômicas que receberam o adjetivo de "neoliberais". Políticas sociais dirigidas ao benefício dos setores empobrecidos, possíveis pela abundância da renda petroleira recebida nestes anos pelo Estado venezuelano, conseguiram conservar um apoio majoritário ao chavismo no governo. Tudo isso apesar do forte caráter personalista e tendências para o autoritarismo do chavismo contra a corrente da cultura democrática que veio se consolidando na população venezuelana na segunda metade do século XX. O chavismo se converteu no beneficiário da perda de legitimidade do sistema político de partidos e conciliação de elites, que se instaurou na Venezuela da década dos anos 1970. Também se beneficiou da chamada antipolítica que caracteriza as jovens gerações, da ausência de um povo organizado em todas as dimensões da vida pública e social, da lentidão e ineficácia dos processos de descentralização administrativa, da corrupção associada a indivíduos das elites ligadas ao exercício do poder e de uma linguagem cheia de promessas de redenção social.

***IHU On-Line* - Em que pode se assemelhar ou diferenciar o chavismo de outros populismos já vividos no Continente?**

Arturo Sosa - O chavismo é uma forma de populismo distinto dos já conhecidos na América Latina durante o século XX.

Mantém a característica própria de um país proprietário de grandes reservas de hidrocarbonetos em mãos do Estado, como é a Venezuela. Ao mesmo tempo, acentua o papel do líder e da Força Armada na condução e no governo do processo. Aos Estados Unidos preocupa mais a mudança radical nos esquemas de alianças políticas que a irrupção do chavismo e outras forças populares de esquerda nos governos dos países latino-americanos por meio de eleições convencionais. A estratégia política prevista pelo governo dos EUA para a América Latina se viu impossibilitada de modo imprevisto.

IHU On-Line - Que críticas ou tensões o presidente Chávez enfrenta?

Arturo Sosa - - Uma das conseqüências políticas da hegemonia chavista na Venezuela foi um alto grau de polarização política, que oculta a variedade de posições existentes na população diante da experiência de processo político e governo encabeçados por Chávez. As críticas que se fazem do pólo oposto de Chávez não admitem matizes ao rechaço de sua gestão em todos os aspectos. Essa posição dura, contrária ao pólo chavista, não admite defeitos no processo e culpa por qualquer fracasso os governos anteriores. No interior do chavismo, encontram-se posições que aspiram a um maior radicalismo de esquerda da gestão governamental, uma maior velocidade nas transformações, as quais advertem sobre a ineficácia real das tarefas governamentais em melhorar as condições das maiorias e as posições que acendem os alarmes pela aparição dos velhos vícios da política, como o nepotismo, o favoritismo, a corrupção etc. Fora do chavismo, as críticas abrangem todas as dimensões. No político, o excessivo personalismo que traz conseqüências como a centralização de todo tipo de decisões em mãos do

líder e uma propensão ao sectarismo e a manipulação de qualquer tipo de relação com pessoas ou grupos da sociedade civil. No econômico, a clara tendência estatista que não apóia e deixa pouco espaço à iniciativa privada. No cultural, o empenho em impor uma só maneira de entender o passado, o presente e o futuro. O chavismo tem o apoio dos que são identificados com sua proposta. Esses apoiadores podem chegar até a uma quinta parte do eleitorado, incluindo todos aqueles que não encontram alternativa real que melhore suas expectativas de vida em outras propostas políticas.

IHU On-Line - Que relações podemos estabelecer entre Hugo Chávez, Evo Morales e Fidel Castro?

Arturo Sosa - O regime cubano, encabeçado por Fidel Castro, nasce durante a guerra fria leste-oeste e adota um modelo inspirado no comunismo e fortemente apoiado pela União Soviética. Esse regime é fruto, além disso, da derrocada pelo levantamento armado de uma ditadura. Imediatamente realiza a estatização dos meios de produção, a abolição da propriedade privada e a eliminação ou expulsão dos grupos contrários ao regime. Os EUA sustentaram igualmente uma estratégia de eliminação através do bloqueio econômico e do isolamento político. Não são nas mesmas condições que surgem e chegam ao governo de seus países os movimentos encabeçados por Hugo Chávez e Evo Morales. A aliança entre o Fidel Castro, Hugo Chávez e Evo Morales, provém dos objetivos políticos que cada um deles persegue. Um objetivo comum entre eles e outras forças políticas na América Latina é diminuir a influência dos interesses políticos e econômicos dos Estados Unidos e seus aliados na América Latina e em outros foros mundiais.

Destaques da semana

Deu nos jornais	pg. 28
Frases da semana	pg. 30
Destaques on-line	pg. 32

Teologia Pública

Nesta semana, a página do IHU, nas *Notícias Diárias*, publicou um artigo do teólogo mexicano Eleázar Lopes sob o título **A contribuição indígena ao processo eclesial da América Latina**. *O teólogo comenta o Documento de Participação (Dp)*, elaborado e difundido pelos organizadores da 5ª Conferência do Episcopado Latino-Americano a ser realizado em Aparecida do Norte, em maio de 2007.

Entrevista da Semana

A vingança de Gaia

Entrevista com James Lovelock

James Lovelock criou a controvertida teoria de Gaia, segundo a qual a Terra é um todo que se auto-regula. Agora, com 86 anos, volta ao tema com a publicação do livro *The revenge of Gaia* (A vingança de Gaia). O livro suscita uma viva polêmica pois ele atesta que estamos inevitavelmente conectados a uma catástrofe natural quase imediata. O livro, que não foi ainda traduzido para o português, foi comentado por alguns entrevistados pela revista *IHU On-Line*, nº 171, de 13 de março, que teve como tema de capa *A vingança de Gaia: Mudanças climáticas e vulnerabilidade do Planeta*. Por ocasião da tradução espanhola da sua autobiografia intitulada **Homenaje a Gaia**, James Lovelock concedeu uma longa entrevista para o jornal *El País*, 7-5-06. Ele prevê que até 2050, os pólos terão degelado e que Londres, entre muitos outros lugares estarão embaixo das águas.

James Lovelock afirma:

“Definitivamente, antes que acabe este século, Londres estará inundada. E todas as zonas costeiras. Imagine-se Bangladesh, por exemplo; o país inteiro desaparecerá sob as águas. E seus 140 milhões de habitantes terão que se deslocar para outros países..., onde não serão recebidos. E todo o mundo terá muitas guerras e haverá muito sangue”.

A íntegra da entrevista foi traduzida e publicada *Notícias Diárias do sítio do IHU no dia 12/05/2006*. Confira www.unisinos.br/ihu

Deu nos jornais

Diariamente a página do IHU (www.unisinos.br/ihu), editoria *Notícias Diárias*, apresenta uma síntese das notícias com base nos principais jornais do País e do exterior. Abaixo algumas notícias selecionadas, extraídas desse link do sítio do IHU.

Bolívia

As repercussões da nacionalização dos hidrocarbonetos decretada pelo presidente Evo Morales continuaram fortes na semana passada. A entrevista do presidente boliviano, em Viena, denunciando as empresas petrolíferas que operam na Bolívia, como a Petrobras, e, no dia seguinte, desmentidas por Evo Morales, causaram profundo mal-estar nas relações entre os países da América do Sul. Segundo fontes diplomáticas brasileiras, “as declarações surpreenderam pela falta de cuidado diplomático e por surgirem no momento em que estão em andamento negociações entre autoridades dos dois países, em La Paz, sobre o reajuste de preços do gás e o destino da Petrobras na Bolívia. Evo, entretanto, falou claramente e não se mostrou intimidado nem mesmo pelas repercussões que sua decisão de nacionalizar o setor de gás e de petróleo causará na Reunião de Cúpula e nos encontros paralelos de hoje em Viena”. Confira as *Notícias Diárias* do dia 12-5-06.

Ao mesmo tempo, se noticiava como próxima a implementação de um plano de reforma agrária pelo governo boliviano. Confira as *Notícias Diárias* do dia 9-5-06.

Uruguai-Argentina

A continuação do conflito das “papeleiras” entre Uruguai e Argentina continua. Confira as *Notícias Diárias* dos dias 8, 9, 11 e 13 de maio.

Tribunal dos Povos julga transnacionais européias

Concomitante à reunião da IV Cúpula de Chefes de Estado e de Governo da América Latina e o Caribe e a União Européia, em Viena, na semana passada, realizou-se o *Tribunal dos Povos das Transnacionais Européias e do sistema de poder das corporações na América Latina e Caribe*. Entre as empresas julgadas estava a Aracruz Celulose. Confira as *Notícias Diárias* do dia 12-5-06.

CNBB adia debate sobre a juventude

A evangelização da juventude, tema central da 44ª Assembléia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em Itaici, no município de Indaiatuba (SP), merecerá uma mensagem, mas não um documento oficial no fim da reunião. O texto provisório que serve de instrumento de trabalho foi tão

criticado que o plenário decidiu aproveitá-lo apenas como ponto de partida para novas discussões. Confira as *Notícias Diárias* do dia 12-5-06.

Desemprego e demissões

As indústrias de máquinas agrícolas do Rio Grande do Sul demitiram 9 mil funcionários e vão continuar reduzindo o quadro, afirma Cláudio Bier, presidente do Sindicato das Indústrias de Máquinas e Implementos Agrícolas no Rio Grande do Sul (Simers).

A John Deere, a segunda maior indústria de máquinas agrícolas do País, acaba de suspender a fabricação de colheitadeiras por três meses. A empresa deu férias coletivas a 600 funcionários.

A empresa já havia demitido 150 de seus 1.950 funcionários da fábrica de Horizontina, no Rio Grande do Sul, a maior da empresa na América do Sul. Confira as *Notícias Diárias* do dia 11-05-06.

A Whirlpool, maior fabricante de eletrodomésticos do mundo, anunciou ontem que pretende fechar cerca de 4.500 empregos, o equivalente a 6% da sua força total de trabalho, nos EUA, Canadá e México. Confira as *Notícias Diárias* do dia 11-05-06.

Eutanásia: "Preciso de uma mão", escreve paraplégico em seu blog

"Preciso de uma mão que segure o copo, a mão hábil que substitua a minha mão inútil, uma mão que atue segundo a minha vontade ainda livre: tenho tudo preparado para que quem me ajude fique incógnito". Esta é a chamada de Jorge Leon Escudero, 53 anos, para que alguém o ajudasse a morrer. Era paraplégico, sem mobilidade e com respiração artificial. Ele foi achado morto em sua casa em Valladolid, no dia 4 de maio. A polícia suspeita que ele recebeu a ajuda que pedia.

O caso lembra Ramón Sampedro, tema do filme *Mar adentro*. O debate sobre a legalização da eutanásia e/ou do suicídio assistido foi o tema das *Notícias Diárias* dos dias 9, 10 e 12 de maio.

"O suicídio assistido não é uma questão de saúde, é um direito", afirma o inglês Chris Davies, deputado do Parlamento Europeu em entrevista para o jornal *El País*,
9-5-06.

No dia 10-05-06 o jornal *Estado de S. Paulo*, sob o título ***Um chimpanzé tem mais direito à vida que um feto humano***, publicou uma entrevista com o bioeticista Peter Singer. A íntegra da entrevista pode ser conferida nas *Notícias Diárias* do mesmo dia.

Frases da semana

Evo Morales

”O Acre trocaram por um cavalo. Com nosso governo não se dará isso porque a luta dos povos indígenas, historicamente, é a defesa do território, a defesa dos recursos naturais.” - Evo Morales, presidente da Bolívia - *Estado de S. Paulo*, 12-5-06.

”Que Acre? Não conheço nenhum Acre.” - Evo Morales, presidente da Bolívia - *Estado de S. Paulo*, 13-5-06.

”Eu me oponho à erradicação forçosa da coca. Sou produtor de coca. Lamento muito que Estados Unidos tenham ganhado tanto com a Coca-Cola e não seja mais problema deles. Para a Coca-Cola, a coca é legal. Para nós é ilegal” - Evo Morales, presidente da Bolívia - *Estado de S. Paulo*, 12-5-06.

”A Bolívia antes era terra de ninguém. Agora é terra dos bolivianos, especialmente dos indígenas.” - Evo Morales, presidente da Bolívia - *Clarín*, 12-5-06.

”O presidente (Evo Morales) se confundiu. Queria falar da Repsol quando denunciou o contrabando mas deu a entender que se referia à Petrobras. São coisas que acontecem. Tenho certeza de que você, se tem filhos, já trocou os nomes deles mais de uma vez.” - Jorge Alvarado, presidente da YPF - *Estado de S. Paulo*, 13-5-06.

Hugo Chávez

”Chávez foi eleito presidente da Venezuela e não da América Latina. E ele não foi eleito para desestabilizar a região.” - Alejandro Toledo, presidente do Peru - *El País*, 12-5-06.

”Afirmar que a decisão soberana do presidente Evo Morales de nacionalizar os hidrocarbonetos deveu-se à influência do presidente Hugo Chávez só pode ser atribuída à ignorância dos nossos amigos brasileiros.” - nota do Ministério das Relações Exteriores da Venezuela - *Estado de S. Paulo*, 11-5-06.

”Considero que, em alguns casos, alguns membros do PMDB, como o governador do Paraná, Roberto Requião, são muito mais radicais do que muitos setores do PT. No entanto, se desconheço a realidade da política brasileira, reduzo o PMDB a José Sarney e simplesmente generalizo como um partido de direita, sem considerar essas variações.” - Maximilien Arvelaiz, ex-diretor de Assuntos Internacionais do presidente Hugo Chávez - *Caros Amigos*, maio de 2006, p. 30.

”O presidente Chávez entendeu que tinha muito a ganhar, por exemplo, ao sentar-se para conversar com João Pedro Stedile, do MST. Hoje em dia você não pode imaginar nenhum processo de transformação sem incluir esses novos atores. No cenário internacional não podemos reduzir as relações somente entre

Estado e Estado.”- Maximilien Arvelaiz, ex-diretor de Assuntos Internacionais do presidente Hugo Chávez - *Caros Amigos*, maio de 2006, p. 30.

Ahmedinejad

”Nós acreditamos que um retorno aos ensinamentos dos divinos profetas é o único caminho que leva à salvação.” - Mahmoud Ahmedinejad, presidente do Irã - *Folha de S. Paulo*, 11-5-06.

”O liberalismo e a democracia ao estilo ocidental não foram capazes de ajudar a realizar os ideais da humanidade” - Mahmoud Ahmedinejad, presidente do Irã - *Folha de S. Paulo*, 11-5-06.

Zilda Arns e Alckmin

”Alckmin é uma pessoa que merece ser presidente do Brasil. Ele tem todas as condições, foi um bom administrador, é uma pessoa honesta. Ele com certeza vai avaliar todo o processo para ver como implementar em nível nacional.” – Dr.^a. Zilda Arns, coordenadora nacional da Pastoral da Criança - *Globo*, 12-5-06.

Política brasileira

”Tem uma cúpula do PMDB que precisa de uma vez decidir se é a favor da capitania hereditária ou do governo-geral.” - Carlos Lessa, ex-presidente do BNDES - *Zero Hora*, 11-5-06.

”Se não sair uma candidatura própria, eu abandono o PMDB, até porque daí acho que acaba o partido.” - Carlos Lessa, ex-presidente do BNDES - *Zero Hora*, 11-5-06.

”O Brasil atravessou uma fernandécada. Foram quase 10 anos, que tiveram continuidade no governo Lula. Esperávamos que viesse o espetáculo do crescimento, mas a economia ficou executando a mesma política.” - Carlos Lessa, ex-presidente do BNDES - *Zero Hora*, 11-5-06

Congresso nacional

”Congresso recebia propina na mala, na meia e na cueca.” - manchete de primeira página do jornal - *Globo*, 10-5-06.

”Se não estivéssemos a menos de cinco meses das eleições, o Congresso deveria tomar a iniciativa de se autodissolver.” - Cristovam Buarque, senador, PDT-DF - *Folha de S. Paulo*, 13-5-06.

Destaques On-Line

Essa editoria traz as referências das entrevistas exclusivas publicadas no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu) durante a última semana. As entrevistas podem ser conferidas na editoria *Notícias Diárias* do sítio, nas datas indicadas no final de cada entrevista.

Título: Filosofia do Direito.

Entrevistado: Vicente de Paulo Barretto

A entrevista surgiu a partir da recente publicação pela Editora Unisinos do *Dicionário de Filosofia do Direito*. A obra pretende servir como referência para juristas, filósofos, cientistas sociais, estudantes e todas as pessoas preocupadas em analisar criticamente os valores que se encontram nas origens da ordem jurídica. Primeiro do gênero na Língua Portuguesa, o dicionário é coordenado por Vicente de Paulo Barretto, professor do PPG em Direito da Unisinos, e escrito por 170 filósofos, juristas e cientistas sociais brasileiros e estrangeiros. Vicente Barretto é organizador da obra. Após a entrevista, foi publicado um depoimento sobre a obra, elaborado pelo professor Lênio Streck, do PPG em Direito da Unisinos, que também é autor de dois verbetes do Dicionário. A entrevista e o depoimento podem ser conferidos nas *Notícias Diárias* do sítio do IHU do dia 9/05/2006.

Título: Blogs, Flogs, MSN, Orkut: a emergência da cybercultura traz uma nova forma de pensar.

Entrevistada: Karla Schuck Saraiva

A entrevista foi inspirada no curso de extensão *Blogs, flogs, MSN, orkut, scraps... Compreendendo a comunicação dos jovens na internet*, ministrado pela professora Karla Schuck Saraiva, da Unidade Acadêmica de Ciências Exatas e Tecnológicas da Unisinos. Graduada e mestre em Engenharia Civil pela UFRGS, atualmente Karla é doutoranda em Educação na mesma universidade, enquanto elabora a tese "Outros Tempos, Outros Espaços: Internet e Educação".

A entrevista foi publicada nas *Notícias Diárias* do sítio do IHU do dia 10/05/2006.

Título: Nei, sem terra, defende tese de doutorado.

Entrevistado: Juvelino Strozake

Juvelino Strozake, advogado do MST, acaba de se tornar o primeiro trabalhador sem terra que conclui a tese de doutorado, em direito.

Nei, como é conhecido, defendeu a tese de doutorado intitulada **O acesso à terra e a Lei de Ação Civil Pública**, no PPG de Direito da PUC-SP, no último dia 8 de maio. Confira a entrevista publicada nas *Notícias Diárias* no sítio do IHU do dia 11/05/2006.

Título: Criminalidade e espaço urbano em São Leopoldo

Entrevistados/as: Carmen Oliveira e Ronaldo Henn

O Grupo de Estudos Transdisciplinares sobre a Violência da Unisinos acaba de entregar para a Prefeitura de São Leopoldo o resultado de uma pesquisa realizada sobre a criminalidade e a violência urbana no município. A iniciativa foi realizada em cumprimento a uma demanda feita pela secretaria de segurança da administração municipal e integrou um projeto de pesquisa que já vinha sendo realizado pelo grupo de professores.

Confira a entrevista com a pesquisadora e o pesquisador da Unisinos nas *Notícias Diárias* do sítio do IHU do dia 12/05/2005

IHU em revista

Eventos pg. 34
IHU Repórter pg. 57

Eventos

Sala de Leitura

O livro *Mundos televisivos*. Porto Alegre: Armazém Digital, 2005, de autoria da Prof.^a Dr.^a Suzana Kilpp, docente na Unisinos, será por ela apresentado nesta segunda-feira, 15 de maio, no **Sala de Leitura**. A atividade, que tem entrada gratuita e extensiva a toda comunidade acadêmica, vai das 17h30min às 19h, na Sala 1G119 do Instituto Humanitas Unisinos – IHU. Por e-mail, a pesquisadora disse à *IHU On-Line* que a seu ver, “a TV continuará a disputar acirradamente a liderança entre as diferentes mídias e, sem dúvida, pretenderá protagonizar a convergência tecnológica que está sendo ensaiada”.

Kilpp apresentou no **Sala de Leitura** de 4 de maio de 2004 seu livro *Ethnicidades televisivas. Sentidos identitários na TV: moldurações homológicas e tensionamentos*. São Leopoldo: Unisinos, 2004. A obra é originada de sua tese de doutorado em Ciências da Comunicação na Unisinos. A *IHU On-Line* realizou duas entrevistas com a autora, publicadas nas edições 40, de 28 de outubro de 2002, e 76, de 22 de setembro de 2003. O *IHU Idéias* de 31 de outubro de 2002 foi apresentado por Kilpp sob o título *Mundos televisivos e sentidos identitários na TV*, que culminou no sétimo número da publicação **Cadernos IHU Idéias**, de 2003, com nome idêntico. Atualmente, Kilpp é professora e pesquisadora das Ciências da Comunicação da Unisinos. É autora de, entre outros, *Os cacos do teatro: Porto Alegre, anos 70*. Porto Alegre: Unidade Editorial Porto Alegre, 1997 e *Apontamentos para uma história da televisão no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Unisinos, 2000.

Mundos televisivos em debate

Entrevista com Suzana Kilpp

IHU On-Line - O que caracteriza os "mundos televisivos" e de que forma eles são apresentados no seu livro?

Suzana Kilpp - Programas, núcleos de produção, publicidade, emissoras de TV são lugares de engendramento de mundos televisivos, que são mundos imaginados do ponto de vista das estéticas de tais lugares. No livro, discuto alguns mundos televisivos em particular, ou então refiro os modos deles serem engendrados e aparecerem na telinha.

IHU On-Line - Que relações podemos estabelecer entre esses mundos televisivos e a forma como eles se constroem e como se constrói a contemporaneidade? Como os mundos televisivos expressam a sociedade que os pensou?

Suzana Kilpp - No engendramento de mundos televisivos, a TV compartilha minimamente com outros mundos (o religioso e o acadêmico, por exemplo) elementos do imaginário de mundo (ou, neste caso, de sociedade). Uma casa na TV é televisiva, mas parece-se com casas de outros mundos – a casa de deus, a casa do arquiteto, a nossa casa... A casa televisiva não representa nenhuma dessas casas; ela é um construto televisivo de casa, e seus sentidos devem ser compreendidos no interior de certos territórios de significação (a emissora, o gênero de programa, as visões de mundo da produção etc.). Uma pessoa que vemos na TV é televisiva e também: é um construto dessa pessoa nos termos e para os fins da TV. Costumo designá-la de *persona*, em distinção às personagens (ficcionalis, interpretadas por um ator); assim, *persona* é também personagem, mas de si mesmo. Já

Soares na TV, por exemplo, é *persona*, personagem dele mesmo na televisão.

Da mesma forma, um filme na TV não é um filme, mas um programa de TV. São várias operações de ordem técnica e estética que instauram esses seres televisivos, humanos e não-humanos, que habitam mundos televisivos. As relações que estabelecem entre si – amorosas, sociais, hierárquicas, políticas – são parte dos mundos imaginados pela TV, a partir de sua própria percepção e memória. Não são o real nem o ficcional, mas uma outra ordem de fenômenos que ainda é preciso aprender a decifrar...

IHU On-Line - De que forma o telespectador apreende e processa os conteúdos dos mundos televisivos?

Suzana Kilpp - O espectador apreende de acordo com seus repertórios, que são pessoal e culturalmente demarcados. A espectação habituada, inercial, tende a fixar-se no teor conteudístico da TV – as falas, as imagens de alguma forma impactantes, as sonoras chamativas -, mas o espectro de imagens audiovisuais é muito mais largo. Na telinha, sempre há uma opacidade que escapa à percepção-hábito¹⁸ desse espectador, e é justamente nessa zona opaca que estão os vestígios da construção da imagem, os restos visíveis das operações de instauração das imagens assistidas: cenários, enquadramentos, molduras sobrepostas, vozes *off*, remissões etc., de imediato; canal, emissora, gênero,

¹⁸ **Percepção-hábito:** conceito tributário a Henri Bergson que diz que a percepção da matéria está sempre relacionada a imagens-lembrança. É graças a elas que somos capazes de perceber o que interessa à ação (memória hábito) ou porções da matéria menos úteis à ação presente. (Nota da IHU On-Line)

programação, patrocínio etc., de modo ainda mais imperceptível ou discreto.

***IHU On-Line* - Qual é a relevância de estudar TV, em uma época em que as tecnologias se multiplicam e rapidamente parecem ficar ultrapassadas por outras?**

Suzana Kilpp - Desconfio que, por trás dessa pergunta, há uma suposição de a TV vir a ser superada por outras mídias que estão surgindo. A meu ver, porém, a TV continuará a disputar acirradamente a liderança entre as diferentes mídias, e sem dúvida pretenderá protagonizar a convergência tecnológica que está sendo ensaiada. Algumas emissoras em particular vêm se preparando para isso. A TV tem boas chances de ficar com uma fatia importante desse novo mercado, e não apenas porque no Brasil ela vem concentrando um considerável patrimônio financeiro, tecnológico e simbólico, que é uma valiosa moeda de troca. Não se acaba da noite para o dia com condições domiciliadas de recepção audiovisual em fluxo, não se desconstrói tão facilmente os corpos construídos de telespectador, não se apaga simplesmente os modos da percepção e da memória televisual que nos (com) formam há décadas... Da TV ainda sabemos muito pouco sobre como ela funciona, e, no entanto, nesses cinquenta anos de engendramento do propriamente televisivo, ela amadureceu como mídia e como negócio (isso não é, a princípio, nem

bom nem ruim... é apenas uma constatação), tendo sobrevivido muito bem à necessidade de renovar-se. Ela deve dar conta de mais esse desafio, como deu conta, por exemplo, nos anos 1970, da crise que se instalou com a implantação a fórceps do sistema de cores e dos diversos sistemas de transmissão do sinal que foram experimentados; ela deu conta da vertiginosa produção que teve de ser feita para implantar a programação matricial 24 horas no ar; ela conseguiu perder quase nada com a implantação das TVs comunitárias e da TV por assinatura...

***IHU On-Line* - Qual é sua opinião sobre a discussão do governo em relação à escolha do sistema para a TV digital no Brasil?**

Suzana Kilpp - Acho que é um debate importante, de sérias conseqüências, do qual só vemos a ponta do *iceberg*. Há muito mais interesses em jogo do que a maioria de nós consegue ver, e muitas coisas a serem decididas que fogem do alcance do governo. Não sei qual é a condição que o governo tem de posicionar-se em relação a elas. Há uma disputa entre os capitais tecnológicos envolvidos com cada um dos diferentes padrões que estão sendo discutidos. É difícil não pensar que essa disputa deve estar atravessando as decisões que estão sendo tomadas...

Alternativas para uma outra Economia

Cooperativismo popular no Brasil: uma alternativa sustentável? Esse é o título da próxima atividade do evento **Alternativas para uma outra Economia**. A cargo do Prof. MS. Benedito Anselmo Martins de Oliveira, professor na Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ), em Minas Gerais, a conferência vai das 19h30min às 22h nesta terça-feira, dia 16 de maio. As inscrições continuam abertas no sítio www.unisinos.br/ihu.

Graduado em Administração de Cooperativas pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e mestre em Administração pela Universidade Federal de Lavras, (UFLA), Oliveira cursou doutorado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade na UFRJ, com a tese *As Cooperativas Populares na Produção e Reprodução de Capital Social e na Sustentação da Economia Solidária*. Sua dissertação chama-se *Coprocol: um caso de contrapoder cooperativo?* Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, o pesquisador mencionou que “as cooperativas populares que surgem no Brasil e que contam com o mínimo de apoio no início de suas atividades, estão obtendo resultados muito favoráveis aos anseios de seus membros”. Segundo ele, “a economia solidária e o capital social possuem nas suas essências conceituais elementos que forçosamente nos conduzem a imaginar e criar formas necessárias de se praticar a democracia. Esses elementos são a cooperação e a solidariedade.”

Cooperativas populares como campos de produção de capital social

Entrevista com Benedito Anselmo Martins de Oliveira



IHU On-Line - Como podemos definir o cooperativismo popular e em que se diferencia de outras formas de cooperativismo?

Benedito de Oliveira - Para falarmos de cooperativismo popular precisamos examiná-lo como um vetor que aponta para, pelo menos, três direções: a primeira que representa a insatisfação dos trabalhadores com o cooperativismo empresarial que reproduz, por meio das cooperativas, o cenário de concentração de poder e renda; a segunda, que representa a necessidade de se exercitar um tipo de cooperativismo que seja de fato autogestionário; terceira, a necessidade de se poder contar com um tipo de cooperativismo que sirva para a possibilidade do exercício pleno da cooperação e da solidariedade em uma estratégia de ação que eu chamo de práticas *sindoperativas*. Pode ser considerado como um tipo de cooperativismo em que os próprios trabalhadores são os responsáveis por seus destinos e as cooperativas servem de instrumentos que reforçam as lutas sociais contra o processo de exclusão social, desemprego e pobreza. No caso

do Brasil, estas lutas estão perfeitamente alinhadas com os princípios e a plataforma de ação do movimento de economia solidária e se soma a outras variadas formas de lutas contra os efeitos que sofrem os trabalhadores em decorrência do chamado desenvolvimento econômico neoliberal.

IHU On-Line - De que forma o cooperativismo popular no Brasil pode ser uma alternativa sustentável?

Benedito de Oliveira - Pelo ângulo da avaliação da economia política, pode-se afirmar que a partir do momento em que as cooperativas populares estão mais envolvidas com o que chamamos de economia popular e solidária, elas também estão se transformando em instrumentos de produção, distribuição e consumos de bens e serviços que, em alta medida, reforçam as práticas de construção do chamado desenvolvimento sustentável, em que se tem como princípio estruturante o respeito à vida e ao ser humano, ou seja, pelo lado da dúvida que tem o pensamento do liberalismo econômico, pode-se estar pensando em uma alternativa que seja sustentável do ponto de vista econômico, "isto tem capacidade de se sustentar economicamente". Posso dizer a respeito disso que as cooperativas populares que surgem no Brasil e que conta com o mínimo de apoio no início de suas atividades, estão obtendo resultados muito favoráveis aos anseios de seus membros.

IHU On-Line - As cooperativas podem ser um contrapoder que, de fato, questione a economia hegemônica?

Benedito de Oliveira - A economia hegemônica é composta por setores que possuem nas empresas suas bases. Estas empresas sobrevivem pela prática dos princípios que regem a economia liberal - que tem a hegemonia atual - estes princípios são basicamente: o lucro e a competição, além, evidentemente, da necessidade intransigente da propriedade individual, cujos objetivos finais são a remuneração do capital empregado. As cooperativas populares, pela suas próprias origens, tanto no setor rural quanto no urbano, possuem características opostas a estas, ou seja, o lucro, a competição, a propriedade individual e a remuneração do capital, são, a todo momento, negados. Isso é uma forma explícita de contrapoder, que eu, concordando com autores que discutem este tema, chamo de praticas anti-sistêmicas.

IHU On-Line - Quais foram as conclusões a que chegou com sua tese? As cooperativas populares podem efetivamente produzir e reproduzir capital social e sustentar uma economia solidária?

Benedito de Oliveira - A economia solidária e o capital social possuem nas suas essências conceituais elementos que forçosamente nos conduzem a imaginar e criar formas necessárias de se praticar a democracia. Esses elementos são a cooperação e a solidariedade. A cooperação nos conduz a práticas políticas e a solidariedade nos remete à adoção e ao uso de valores. Juntos, eles ajudam a plasmar novas formas de relacionamentos humanos e, conseqüentemente, ajudam a reforçar o surgimento de novas relações entre as pessoas. Quando isso é levado para as organizações coletivas, se transformam em 'energias' que nutrem um novo pensar social. Precisamente nas

cooperativas populares, que tentam resgatar os verdadeiros princípios do cooperativismo, estas 'energias' se configuram, ao mesmo tempo, como combustível e efeito para uma nova forma de sentir, pensar e agir dos cooperantes. Minha tese chegou à conclusão que, de fato, há uma sintonia entre o cooperativismo, a economia solidária e o capital social, numa espécie de complementaridade necessária, visando, sobretudo, ao exercício da democracia/autogestão, da ajuda e da confiança mútua. Isso foi demonstrado quando avaliamos as formas como estas cooperativas atuam para combater o desemprego, a exclusão social e a pobreza de seus membros e dos membros das comunidades onde elas atuam.

IHU On-Line - Quais têm sido os principais acertos e erros da economia solidária e do cooperativismo no Brasil?

Benedito de Oliveira - Os principais acertos estão relacionados com a busca incessante de se tentar ajudar no desenvolvimento e crescimento das práticas que estão ajudando a demonstrar que uma outra economia é possível de ser desenvolvida no Brasil. Isso está sendo materializado no fortalecimento dos empreendimentos de economia solidária e das cooperativas populares, mas, sobretudo, com a tentativa de estar aglutinando estes empreendimentos e estas cooperativas em redes ou cadeias. Quanto aos erros, podemos dizer que eles, por serem erros que se cometem ao se buscar alternativas de desenvolvimento, em verdade, se transformam em contribuições para melhorias nas ações dessas organizações. Entretanto, um erro que eu creio ser preocupante é que tem se tentado dar a esta economia solidária e a essas cooperativas populares, algo já terminado ou concluído. E isso está nos transformando em alvos das críticas liberais e até não-liberais, ou seja, o

chamado “fogo amigo”. Creio que se está exigindo muito de algo que está ainda em fase de construção. E o erro é o movimento, ou parte dele, achar que já tem a resposta para tudo e, em alguns casos, acreditando já ser o que se pode chamar de modo de produção alternativo ao modo de produção capitalista, o que pode ser perigoso. Há que se ter muita cautela com tudo o que estamos fazendo.

***IHU On-Line* - Quais são os maiores entraves para uma cooperativa se viabilizar no Brasil?**

Benedito de Oliveira - No Brasil, a superestrutura foi montada para servir ao desenvolvimento da economia liberal. Neste caso, as leis, os órgãos estatais, o mercado, a universidade, a igreja, a cultura, enfim, a maioria dos mecanismos econômicos, sociais e políticos, servem a ordem liberal capitalista. Isso tudo se configura em entraves para que uma cooperativa popular e a economia solidária se desenvolvam. No entanto, faz parte das estratégias de ação do movimento de

economia solidária e do cooperativismo popular, a luta para reverter estas situações. Exemplos explícitos disso são a tentativa de se aprovar uma lei cooperativista que favoreça o desenvolvimento do cooperativismo popular e a luta para que se crie um fundo de apoio ao desenvolvimento da economia solidária.

***IHU On-Line* - Algum outro aspecto que deseje comentar e não foi perguntado?**

Benedito de Oliveira - Atualmente, estamos numa fase de preparação da 1ª Conferência Nacional de Economia Solidária, que deverá sinalizar pontos cardeais importantes a serem seguidos pelos atores e atoras que fazem parte da economia popular e solidária no Brasil, notadamente as cooperativas populares. Precisamente, porque esta Conferência, poderá ser um marco histórico para a concretização de novas relações entre a economia solidária, o Estado, o mercado e o restante da sociedade civil organizada.

Guimarães Rosa: 50 anos de *Grande Sertão: Veredas*

Uma mesa-redonda com os professores MS Vera Haas, da Unisinos, MS Rogério Mosimann da Silva e MS João Rudimar Kunz é a próxima etapa do evento *Guimarães Rosa: 50 anos de Grande Sertão: Veredas*. A atividade tem como título *Um diálogo entre a Literatura e Teologia* e está marcada das 19h45min às 22h15min nesta terça-feira, 16 de maio, no Auditório Central da Unisinos.

Por e-mail, os três professores deram entrevista à *IHU On-Line* adiantando aspectos que abordarão terça-feira. Rogério Mosimann da Silva é teólogo e lê Guimarães Rosa há cerca de vinte anos. Graduado em Teologia pela Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, em Belo Horizonte, cursou mestrado na UFMG com a dissertação *A sabedoria poética roseana. Uma leitura de Guimarães Rosa à luz do pensamento de Giambattista Vico*, na qual estudou especificamente a novela *O recado do morro*. Vera Haas é bacharel em Comunicação Social pela Unisinos e graduada em Letras pela UFRGS. Mestrou-se em Letras pela UFRGS com a dissertação *O autor implícito: um colecionador*. João Rudimar Kunz é graduado em Filosofia e Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) e Letras pela Unisinos. Cursou mestrado na UFRGS em Literatura e é doutorando na mesma área pela UFRGS.

***Grande Sertão: Veredas*, um diálogo entre literatura e teologia**

Entrevista com Rogério Mosimann da Silva, Vera Haas e João Rudimar Kunz

***IHU On-Line* - Como acontece o diálogo entre literatura e teologia no *Grande Sertão: Veredas*?**

Rogério Mosimann da Silva - A chave é a unidade entre teologia e antropologia, como insistiu o teólogo Karl Rahner¹⁹. Quanto à literatura,

¹⁹ **Karl Rahner** (1904-2004): importante teólogo católico do século XX. Ingressou na Companhia de Jesus em 1922. Doutorou-se em Filosofia e em

Teologia. Foi perito do Concílio Vaticano II. Foi professor na Universidade de Münster. A sua obra teológica compõe-se de mais de 4 mil títulos. Suas obras principais são: *Geist in Welt* (O Espírito no mundo), 1939, *Hörer des Wortes* (Ouvinte da Palavra), 1941, *Schriften zur Theologie* (Escritos de Teologia), 16 volumes escritos entre 1954 e 1984, *Grundkurs des Glaubens* (Curso Fundamental da Fé), 1976. Em 2004, celebramos seu centenário de nascimento. A Unisinos dedicou à sua memória o **Simpósio Internacional**

podemos identificar dois modos em que aparecem as questões teológicas. Num, os elementos religiosos são postos explicitamente em cena ou em discussão. É algo mais superficial, pois aí a questão religiosa aparece mais como um dado cultural do que propriamente em sua especificidade teológica. No outro modo, a temática religiosa permanece implícita, e é aí que paradoxalmente irrompe com toda a força o elo entre teologia e literatura, sendo o ponto de encontro entre ambas, uma vez mais, a antropologia. Isso acontece com o *Grande Sertão: Veredas*. No livro, há inúmeras referências religiosas explícitas, o que é de menos, pois é aquela subliminar densidade antropológica da obra (os grandes temas do amor e da morte, do bem e do mal, do uso do poder, da liberdade, do medo, da dúvida, da alegria,...) o que verdadeiramente importa para a teologia. E é nesse contexto antropológico que a própria questão de Deus surge no romance.

Vera Haas - A crítica literária em geral aponta a relação da ficção de Rosa com a filosofia e a teologia particularmente na reflexão que sobre o bem e o mal. A figura do Hermógenes, por exemplo, é

O Lugar da Teologia na Universidade do século XXI, realizado de 24 a 27 de maio daquele ano. A *IHU On-Line* n.º 90, de 1º de março de 2004, publicou um artigo de Rosino Gibellini sobre Rahner; e a n.º 94, de 29 de março de 2004, publicou uma entrevista de J. Moltmann, analisando o pensamento de K. Rahner. No dia 28 de abril de 2004, no evento **Abrindo o Livro**, Érico Hammes, teólogo e professor da PUCRS, apresentou o livro *Curso Fundamental da Fé*, uma das principais obras de Karl Rahner. A entrevista com o Prof. Érico Hammes pode ser conferida na *IHU On-Line* n.º 98, de 26 de abril de 2004. Ainda sobre Rahner, publicamos uma entrevista com H. Vorgrimler no *IHU On-Line* n.º 97, de 19 de abril de 2004, sob o título *Karl Rahner: teólogo do Concílio Vaticano nascido há 100 anos*. A edição número 102, da *IHU On-Line*, de 24 de maio de 2004, dedicou a matéria de capa à memória do centenário de nascimento de Karl Rahner. Os **Cadernos Teologia Pública** publicaram o artigo *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner*, de autoria do Prof. Dr. Érico João Hammes. (Nota da *IHU On-Line*)

uma das criações de Rosa que toca essa questão. Desde seu contato inicial com os jagunços, Riobaldo queda admirado ante a figura sombria e repulsiva de Hermógenes, braço direito do bom e justo chefe Joca Ramiro. A relação entre esses dois homens parecerá sempre uma incógnita a Riobaldo. Paralelamente, em *Diadorim*, Riobaldo encontra a mesma beleza de Joca Ramiro e um ódio similar ao do Hermógenes. Essas construções surpreendentes são um dos modos pelos quais Rosa aborda a dinâmica entre o Bem e o Mal, evidenciando não a simples oposição entre os conceitos, mas um verter misturado, para usar as palavras do jagunço filósofo.

João Rudimar Kunz - Em primeiro lugar, *Grande Sertão: Veredas* é uma obra literária, em que uma personagem, Riobaldo, narra ao doutor da cidade, uma série de acontecimentos que compõem ou estão ligados a parte significativa de sua vida. Mas não é um simples narrar, em que um fato se sucede a outro, numa seqüência cronológica bem organizada. Ao narrar, Riobaldo faz uma (re)leitura de sua vida, até mesmo uma (re)construção dela. Para isso que compreender o que de fato aconteceu. Nessa sua busca desenvolve reflexões filosóficas e teológicas de grande alcance.

O tema filosófico mais importante, ao meu ver, é o da liberdade. E junto a este, o da responsabilidade. Num primeiro momento, Riobaldo se deixa levar pelos acontecimentos. Entra na vida de jagunço meio por acaso, e também assim fica nela. Deixa se influenciar muito pelos outros, especialmente por *Diadorim*. Depois assume, ele mesmo, as rédeas. Rejeita a influência de *Diadorim*. Chega a tornar-se o grande chefe Urutu Branco. Mas algumas “coincidências”, como estar em determinado lugar e hora, ou o encontro com pessoas que mudaram completamente a direção de sua vida, levam a relativizar o poder do homem de conduzir, por suas próprias forças, o

rumo dos acontecimentos. Fica, no final das contas, a grande pergunta: até que ponto o homem é livre e tem, portanto, responsabilidade por seus atos?

Do ponto de vista da teologia, penso ser relevante a luta entre o bem e o mal, entre Deus e o diabo. Ou mesmo as perguntas em torno da presença do mal e do sofrimento no mundo. O pacto com o demônio, sobre cuja existência real Riobaldo se questiona até o fim, pode parecer sugerir que este é mais importante para o sucesso no enfrentamento dos perigos da vida – como Riobaldo diz várias vezes: “Viver é muito perigoso”. Porém, obra toda vem como que emoldurada por uma visão de Deus poderoso, paciente e compassivo, que no final das contas decide e resolve todos os problemas. Essa visão fica clara no episódio de Maria Mutema, mulher que fez muito mal, mas que com a pregação dos missionários vindos do estrangeiro, se arrependeu, confessou seus pecados e se penitencia por eles.

IHU On-Line - Quais são os aspectos nesses campos nos quais a obra propõe inovações?

Rogério Mosimann da Silva - Os temas são os de sempre: tudo de importante, enfim, que marca a existência humana. A novidade consiste no modo como o escritor retrabalha essa recorrência. A obra de Rosa é uma grande enciclopédia narrativa da cultura humana, do Ocidente e do Oriente. Rosa era um erudito, e dissemina, em sua obra, as contribuições que cada tradição oferece, nesse imenso mutirão pelo qual o ser humano procura se ler, ao longo da história. É uma espécie de mosaico, no qual as diferentes interpretações estão postas em diálogo, sem uma conclusão definitiva. Sintomático, nesse ponto, é o (não-)final do *Grande Sertão: Veredas*. “O que existe é homem humano. Travessia.”, a que se segue o símbolo que, entre outros significados, remete-nos ao infinito. Aí, o ser humano

emerge como inquiridor, ser que pergunta, busca. Por sua vez, a obra de Rosa é sertaneja, em todo o peso da palavra. Infelizmente não é possível desenvolver aqui a concepção roseana de sertão. Baste-nos lembrar que vai muito além da mera noção geográfica, a ponto de o próprio Rosa proclamar como companheiros seus, sertanejos, a não menos que Goethe e Dostoiévsky²⁰. Além disso, Paulo Rónai, amigo pessoal de Rosa e profundo conhecedor do espírito que o animava, afirma sem rodeios que as leituras, as viagens empreendidas por Rosa, tudo isso não fez mais do que confirmar a sua cosmovisão sertaneja. É, contudo, no tecido da linguagem, que os fios da Literatura e da Teologia se entrelaçam. A densa prosa poética de Rosa, tangenciando sempre o inefável, traduz em ato a concepção de que “a Poesia é a linguagem do Indizível”, “o modo de dizer aquilo que não pode ser dito”. É aí, no Silêncio, que a Filosofia (discurso demonstrativo) esbarra, e é nesse contexto que a palavra ‘deus’ (“última palavra antes do silêncio”, segundo Rahner) aponta para a realidade ‘Deus’ “ao menos como pergunta”.

Vera Haas - Atenho-me mais ao literário, minha área de conhecimento específico. Rosa inova exatamente por transformar conceitos em metáforas que nos fazem quase apalpar os sentimentos e os conceitos. Por exemplo, quando formula a sua compreensão do Hermógenes: “Mas o Hermógenes era fel dormido, flagelo com frieza. Ele gostava de matar por seu miúdo regozijo.” Ou ainda, “O Hermógenes e o Ricardão – eles dois era chouriço e morcela.”

João Rudimar Kunz - Uma das inovações de *Grande Sertão: Veredas* é o fato de tratar, como obra de ficção,

²⁰ Fiódor Mikhailovich Dostoiévski (1821-1881): um dos maiores escritores russos e tido como um dos fundadores do existencialismo. De sua vasta obra, destacamos *Crime e castigo*, *O Idiota*, *Os Demônios* e *Os Irmãos Karamázov*. (Nota da *IHU On-Line*)

literária, estes temas (os acima citados e muitos outros mais). Outra inovação se dá na própria estruturação da narrativa. Como se disse acima, não há uma ordem cronológica linear, mas um ir e vir constante, regido pela memória subjetiva do narratório Riobaldo, que quer compreender e (re) construir a sua vida.

Além de se contextualizar no sertão, lugar em que a sociedade estruturada racionalmente e uma série de convenções humanas são postas em questão; além de, em relação aos temas abordados, não trazer respostas peremptórias, nem da ciência, nem da fé (Riobaldo diz: “Desconfio de muita coisa”, e “Tudo é e não é”), a própria narrativa funciona como sertão. Riobaldo quer achar a melhor maneira de contar, “armar o ponto de um fato”. Mas para tanto não pode confiar na memória, pois “tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data”. Também diz que “contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância”. Em relação à história de Davidão e Faustino, para a qual o rapaz da cidade imaginou um final que se pudesse colocar em livro, diz que “no real da vida, as coisas acabam com menos formato, nem acabam”. Percebe-se a desconstrução de uma narrativa bem ordenada, em que um narrador onisciente, de fora, controla tudo e dispõe os fatos numa ordem cronológica. O relato discursivo entra em falência. Aparecem os limites do contar. O narrador perde seu conhecimento absoluto e sua onipotência. Mais que uma narrativa sobre o sertão, *Grande Sertão: Veredas* acaba sendo uma narrativa como sertão.

IHU On-Line - Quais seriam os personagens e situações em que a interligação entre as três áreas acontece com maior nitidez?

Rogério Mosimann da Silva - Indubitavelmente, o destaque vai para Riobaldo, jagunço protagonista do

romance. Ele é o perguntador por excelência. E como é quem narra retrospectivamente os fatos que viveu, ele está constantemente se questionando sobre o sentido do ocorrido. Mas sua pergunta é radical: para onde tudo vai, de onde tudo vem, por que tudo acontece? E Deus? E o espaço de responsabilidade humana? E a possibilidade de narrar tudo isso? São inquições nas quais se cruzam, como vemos, a literatura, a teologia, a filosofia.

Vera Haas - Parece-me que os quatro personagens acima mencionados, Riobaldo, Diadorim, Joca Ramiro e Hermógenes deixam isso claro – entre outros. Diadorim, por exemplo, inicialmente será apenas o Menino, evocando a figura que Benedito Nunes sublinhou, a da Criança Primordial. É a partir desse referencial mítico-religioso que conhecemos Diadorim.

IHU On-Line - Quais as perguntas que a obra deixa em cada uma das áreas de conhecimento em questão?

Rogério Mosimann da Silva - Uma pergunta, intrigante, é por que um autor tão estudado e viajado se entusiasmou pelo mundo esquecido do sertão. De fato, Rosa tinha uma relação visceral com o povo simples do sertão: convivia com os sertanejos, preferia o matutar deles às de outas explicações. Os sertanejos dos perdidos rincões são seus personagens, os heróis de suas estórias. Por trás dessa atitude, há uma profissão de fé na escondida sabedoria das pessoas não-letradas. A academia tem uma extrema dificuldade de ver isso, por motivos óbvios, e não suporta o sertão, não consegue digeri-lo porque ele não se deixa enquadrar, não permite ser reduzido a mero objeto de conhecimento. Ao invés, o sertão é o que extrapola, reduto de resistência, a outra voz. Rosa é o transculturador, que consegue distanciar-se criticamente do mundo moderno, citadino, e reconhece essa sabedoria, e então chama para o centro a gente menosprezada da

periferia e apresenta-a para o mundo letrado como portadora de alternativas. É esse o grande questionamento para quem pretende ser um pensador (cientista ou filósofo). Além disso, os procedimentos artísticos utilizados ainda são um campo aberto para os estudos literários (por exemplo, a linguagem do *Grande Sertão: Veredas* não apenas fala do sertão, mas é ela mesma “sertânica”). Por fim, essa atitude de Rosa em relação ao sertão, à periferia, faz reafirmar o pobre como lugar teológico, o que abre uma promissora porta para refletir teologicamente com base na literatura. O sertão costuma ser visto como resquício do atraso, um estágio inferior de desenvolvimento, algo a ser superado. Não é acolhido como um valor, em sua identidade e alteridade. E, no entanto, nele residem outras possibilidades de sentido, que merecem ser ouvidas. Penso que Michel de Certeau²¹, com outras palavras, disse isso, e que poderia tê-lo afirmado tal e qual se tivesse lido Guimarães Rosa.

Vera Haas – *Grande Sertão: Veredas* deixa várias questões em aberto, particularmente nessas três áreas do conhecimento. Por isso até hoje sua obra continua instigante. Uma das questões inquietantes é de que modo o mundo do caboclo sertanejo pode dar conta de uma representação da terra Brasil. O universo mítico e religioso construído com sobreposições primorosas, com jogos de linguagem que reúnem o que parecia dissonante, sem apagar o inquietante que se mostra na metáfora, chega até nós através da palavra de um caboclo sertanejo, ex-chefe jagunço. O campo de noções filosóficas e religiosas que ouvimos na fala de Riobaldo, porém, alcança a

intelectualidade brasileira e os pensadores universais. Isso é Brasil? Se dissermos, como Cazuzu, “Brasil, mostra a tua cara”, qual será a resposta? A obra de Rosa inscreve-se, de um lado, como literatura que reflete a respeito da condição humana, de outro lado, como literatura comprometida com seu país, pois pensa a nação brasileira através da fala do homem interiorano em diálogo com o mundo urbano e litoral de nossa terra. O místico, o mítico e o filosófico inscrevem-se nessa dupla reflexão.

²¹ **Michel de Certeau**: padre jesuíta, importante intelectual francês, autor de, entre outros, *La Fable mystique: XVIème et XVIIème siècle*. Paris: Gallimard, 1982; *Histoire et psychanalyse entre science et fiction*. Paris: Gallimard, 1987; *La prise de parole. Et autres écrits politiques*. Paris: Seuil, 1994. (Nota da *IHU On-Line*)

II Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia

Discutir as obras *Relações entre custo e quantidade produzida* (1925) e *Production of commodities by means of commodities: prelude to a critique of economic theory* (1960), do economista italiano Piero Sraffa (1898-1983) é o objetivo da Prof.^ª Dr.^ª Maria Heloisa Lenz, da FEE/UFRGS, com a palestra que oferece nesta quarta-feira, dia 17 de maio, das 19h30min às 22h, na sala 1G119 do IHU. O tema foi abordado no evento *Quarta com Cultura Unisinos, Repensando os Clássicos da Economia*, em 10 de maio, na Livraria Cultura, em Porto Alegre. Sobre o assunto, a economista Maria Heloisa deu detalhes por e-mail à IHU On-Line, edição 179, de 8 de maio de 2006. Confira a entrevista no sítio www.unisinos.br/ihu, link Publicações. As inscrições para o II Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia continuam abertas no sítio do IHU. Participe!

Em Nome de Deus

Quarta com Cultura Unisinos

Os professores Dr. Nilton Mullet Pereira (UFRGS) e Dr. José Alberto Baldissera (Unisinos) coordenam nesta quarta-feira, 17 de maio, das 19h30min às 21h30min, no **Quarta com Cultura Unisinos**, uma discussão com o público após a exibição do filme *Em nome de Deus*. A atividade acontece na Livraria Cultura, no Bourbon Shopping Country, em Porto Alegre, com entrada franca.

Mullet Pereira é graduado em História e mestre e doutor em Educação pela UFRGS, com a tese *História de amor na educação freiriana: pedagogia do oprimido*. cursou pós-doutorado na mesma instituição. Ele foi o responsável, junto com Prof. Dr. Alfredo Culetton, pela exibição e debate desse mesmo filme dentro da programação do **Ciclo de Estudos Idade Média e Cinema**, em 22 de outubro de 2005. Sobre o assunto, concedeu entrevista à *IHU On-Line* 160, de 17 de outubro de 2005, sob o título *Em nome de Deus: um retrato de época*. Confira a nova entrevista realizada por e-mail pela *IHU On-Line*, na qual Mullet adianta alguns aspectos da discussão que acontece quarta-feira.

Ficha técnica

Título: Em Nome de Deus
Título Original: Stealing Heaven

Pais: EUA

Ano: 1988

Gênero: Romance

Tempo: 105 minutos

Censura: 14 anos

Direção: Clive Donner

Elenco: Derek de Lint, Kim Thomson, Denholm Elliot

Sinopse

O filme *Em nome de Deus*, dirigido por Clive Donner, tem como tema a história de amor vivida por Abelardo (1079-1142) e Heloísa (1101-1164), cujos corpos repousam hoje, lado a lado, no cemitério Père Lachaise, em Paris. Abelardo tinha 39 anos e Heloísa, sua aluna, 17, quando se apaixonaram perdidamente, tendo vivido uma trágica história de amor. Naquele tempo, as escolas ainda eram anexas às sacristias e era exigida a castidade dos docentes. Culto e inteligente, Abelardo conheceu Heloísa por intermédio do tio dela, o cônego Fulbert. Tendo a moça engravidado, Abelardo resolveu abandonar a ordem religiosa e desposá-la. Não havia impedimento nenhum, já que ele não recebera ainda as ordens maiores, mas a família da moça não aprovou a solução. Indignado, o cônego contratou bandidos para prender e castrar Abelardo. Depois de recluso num convento, Abelardo escreveu várias obras de teologia. Denunciado como herético, foi levado a um tribunal presidido por São Bernardo (1090-1153), conselheiro de reis e papas e pregador da Segunda Cruzada. O resultado foi sua condenação. Abelardo recorreu a Roma e morreu durante o julgamento de sua apelação. Quanto a Heloísa, também entrou para um convento, do qual foi madre superiora, tendo vivido ainda 22 anos depois da morte do amado. Nunca mais teve outro amor. Abelardo narrou seus infortúnios no livro *Histórias de minhas desgraças*. François Villon e Eugene Scribe, entre outros, escreveram sobre o tema. Há também diversas biografias desses amantes que protagonizaram uma das mais célebres histórias de amor.

Em nome de Deus e o amor cortês

Entrevista com Nilton Mullet Pereira

IHU On-Line - Como o filme retrata as relações de gênero na Idade Média?

Nilton Mullet Pereira - Ao mostrar Heloisa como uma mulher que tem acesso à erudição, conhece grego e latim e se apresenta como alguém que rompe com padrões estabelecidos, o filme parece querer afirmar o caráter misógino da sociedade medieval, na medida em que trata Heloisa como um desvio em relação à norma. Trata-se, do meu ponto de vista, de uma leitura interessante, pois não cria a ilusão de que uma mulher bem educada e capaz de acessar o conhecimento é uma regra no mundo medieval, mesmo no século XII. Ao mesmo tempo, o filme mostra que aquela sociedade masculina e guerreira conviveu com desvios e fissuras, mostrando que nem o domínio dos senhores nem da Igreja era incontestável e homogêneo.

IHU On-Line - Como o amor cortês é representado no filme?

Nilton Mullet Pereira - Sobretudo por meio de dois elementos característicos do amor cortês que são o segredo e o obstáculo. O obstáculo é imanente ao amor. É ele que mantém acesa a chama do prazer; a manutenção do desejo consiste exatamente na irrealização do ato carnal. Mas a negação do sexo não era característica definitiva da retórica cortês, nem no que se refere à poesia trovadoresca, nem no que concerne a outras formas literárias. Tristão e Isolda, por exemplo, copularam. Entretanto, em qualquer dos casos que a literatura cortês apresenta, o que importa é manter o obstáculo ao prazer corporal e o segredo da relação amorosa, de maneira a prolongar o amor à eternidade. Desse modo, é menos significativa a condenação da cortesia ao ato carnal do que a condenação ao casamento. Este sim é o inimigo número um do amor.

Ele - o casamento - impedia a “autonomia dos sentimentos”, pretendida pelos poetas cortesões. Ele descobre o amor e o tira do segredo, fator que mantém o caráter místico e pagão da relação amorosa cortês. E um amor revelado é o amor morto.

Heloisa abomina o casamento tanto porque o matrimônio não se coaduna com a atividade filosófica de Abelardo²², quanto porque ele poderá destruir a pureza do amor entre os dois. As regras do amor exigem um jogo entre os amantes que não tem espaço na relação política que é o casamento. No tratado de Capelão, por exemplo, a justa amorosa, e a promessa do amor de uma Dama a um Cavaleiro é fator de revelação da virtude masculina. Então, no limiar da virtude do jovem cavaleiro está a promessa do amor de uma Dama, feita no interior do jogo do amor.

IHU On-Line - Quais seriam as ligações a serem estabelecidas entre a filosofia, o amor pelo conhecimento, e o amor físico?

Nilton Mullet Pereira - O exemplo do filósofo que se desliga das exigências do corpo foi Sócrates²³, para ele o corpo era um intrusão, como afirma Platão²⁴ no *Fedon*. O dia da morte do filósofo era o

²² **Pedro Abelardo** (1079-1142): filósofo francês que ficou conhecido do público por sua vida pessoal e o relacionamento com Heloisa, de que fala em seu *História das minhas calamidades*. Na filosofia, ocupa uma posição importante por ter formulado o conceitualismo, posição que não pertence propriamente nem ao idealismo, nem ao materialismo. (Nota da *IHU On-Line*)

²³ **Sócrates** (470 a. C.-399 a. C.): filósofo ateniense e um dos mais importantes ícones da tradição filosófica ocidental. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁴ **Platão** (427-347 a. C.): filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a Teoria das Idéias e a Dialética. Discipulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A República* e o *Fedon*. (Nota da *IHU On-Line*)

momento da sua libertação, quando a alma poderia, novamente, voltar a contemplar as verdades eternas. De modo bastante evidente, o filme mostra o dilema de Abelardo: estar entre o trabalho filosófico e o amor por Heloisa; entre o papel de professor e o prazer carnal. Ainda na Idade Média, a tradição dizia que o filósofo não poderia envolver-se com as coisas materiais – o próprio Abelardo abdicou do seu investimento como cavaleiro para poder seguir o caminho da filosofia. O amor que sente por Heloisa é, ao mesmo tempo, “misto” e “puro”. Misto porque ele se consolidou no ato carnal; puro, porque apesar da fornicção dos dois amantes, o amor se estendeu à eternidade, para além do corpo e da existência dos próprios amantes. É o amor que ama o amor. De qualquer modo, a sublimação do desejo parece ter ajudado Abelardo a continuar filosofando e amando Heloisa, ao mesmo tempo.

***IHU On-Line* - O amor entre Abelardo e Heloisa denuncia um período em que começava a se valorizar mais a mulher na Idade Média?**

Nilton Mullet Pereira - Há quem anuncie uma valorização da mulher na Idade Média, por conta de uma série de fatores, como por exemplo, a importância que a Dama – mulher inacessível e idealizada – assume na poesia dos trovadores; ou a possibilidade de escolha dada à mulher em função do sacramento do casamento. De qualquer modo, o enaltecimento da mulher a partir do século XII, não é matéria unânime entre os medievalistas. O fato é que, nessa época, a Europa Ocidental assistiu o despertar de uma soma significativa de mulheres que, fosse na literatura ou na realidade vivida, rompiam com os padrões sociais vigentes, como vemos pelo exemplo de Heloisa ou de Hildegarda de Bingen²⁵.

²⁵ Hildegarda de Bingen (1098-1179): mística, filósofa, compositora e escritora alemã, abadessa

Entretanto, longe estavam os medievais de suspender o caráter misógino da sua cultura.

***IHU On-Line* - Até que ponto *Em nome de Deus* solidifica a imagem que a pós-modernidade possui da Idade Média, como sendo a época do obscurantismo *par excellence*? Quais são os principais aspectos que a obra destaca em relação à crítica da religião?**

Nilton Mullet Pereira - A idéia de uma Idade Média como época das trevas vem sendo construída desde o Renascimento dos séculos XV e XVI, não é, portanto, algo criado em uma suposta e chamada pós-modernidade. *Em nome de Deus*, sendo uma produção cinematográfica destinada à diversão e, logo, sem compromisso com a verdade histórica, permite reafirmar, sim, o preconceito em relação à Idade Média, mediante a crítica fácil à Igreja Católica. Fato que pode ser observado em diversos personagens que, no filme, representam a Igreja: exemplo claro é o próprio Fulberto, tutor de Heloisa, que descaradamente vende relíquias falsas. Além do mais, o filme não tem como mostrar as injunções históricas que permitiram o aparecimento do amor de Abelardo e Heloisa ou mesmo de uma mulher como Heloisa. O que ocorre, então, é uma depreciação da Idade Média em favor dos dois personagens que mais parecem modernos que medievais.

de Rupertsberg em Bingen. Hildegarda foi autora de várias obras musicais de temática religiosa, incluindo *Ordo Virtutis*, uma espécie de ópera que relata um diálogo de um grupo de freiras com o diabo. Escreveu ainda dois dos únicos livros de medicina escritos na Europa, no século XII, onde demonstrou um conhecimento notável de plantas medicinais. Hildegarda alegava ter *visões* inspiradas por Deus, que o próprio a incentivou a escrever em livros. Após quatro tentativas de canonização, Hildegarda permanece apenas beatificada. (Nota da *IHU On-Line*)

A Prof.^a Dr.^a Cinara Lerrer Rosenfield, da UFRGS, falará nesta quinta-feira, 18 de maio, das 17h30min às 19h, sobre *Autonomia e teletrabalho* na terceira edição de maio do **IHU Idéias**. Marque em sua agenda: é nesta quinta-feira, das 17h30min às 19h, na Sala 1G119 do IHU. A entrada é gratuita e aberta a toda a comunidade acadêmica. Confira!

Rosenfield é graduada em Ciências Sociais pela UFRGS, mestre em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e doutora em Sociologia do Trabalho pela Université Paris IX – Dauphine, com a tese *L'autonomie comme norme et le rapport au travail; une étude comparative France-Brésil*, publicada pela editora ANRT em 2003. É pós-doutora pela Universidade Técnica de Lisboa (ISEG-Socius-UTL), Portugal. Uma de suas pesquisas atuais é sobre *Autonomia e Teletrabalho*, tema que inspira o **IHU Idéias** desta semana. A entrevista que segue, exclusiva, foi concedida à **IHU On-Line** por e-mail.

Desafios e limitações do teletrabalho

Entrevista com Cinara Rosenfield

***IHU On-Line* - Como o teletrabalho se caracteriza e qual é a relação dos trabalhadores com essa nova modalidade?**

Cinara Rosenfield - A EcaTT (Electronic Commerce and Telework Trends: Benchmarking Progress on New Ways of Working and New Forms of Business across Europe), relatório referente a dez países da União Européia, assim define os teletrabalhadores: “teletrabalhadores são aqueles trabalhadores que trabalham de forma computadorizada (com um computador), distanciados do negócio de seu empregador ou da pessoa que os contrata e que transmitem os resultados de sua atividade através de uma ligação de

telecomunicação”. No entanto, o teletrabalho é uma categoria de difícil definição. Muitas variáveis e suas combinações abrem em demasia o leque de definições possíveis. A falta de uma conceituação precisa sobre o que é e quantos são os teletrabalhadores faz do conceito mais uma construção ideológica da realidade ou, no máximo, uma tentativa de descrição dos diversos tipos ou modalidades de teletrabalho existentes. É possível assegurar que todas as diferentes conceituações estão certas, o que demonstra idéias fortemente contraditórias. Há pessoas trabalhando em casa com o consentimento do seu empregador para evitar deslocamentos, há pessoas trabalhando de maneira autônoma seja

em casa seja em telecentros, há mulheres trabalhando a partir de seus computadores porque não têm como deixar os filhos, há alguns nesta situação que se acham explorados, mal pagos e sem reconhecimento, outros são altamente qualificados e têm seu trabalho reconhecido, há teletrabalhadores em instituições públicas e privadas, há pessoas trabalhando em casa que usam “acidentalmente” seus computadores (não é a principal ferramenta), como arquitetos ou tradutores, e há muitos que trabalham normalmente fora de suas casa e completam o trabalho em casa, como uma hora-extra. Para completar, fax, celular, laptop e internet tornam possível trabalhar de quase qualquer lugar. Mas o que interessa aqui não é sua definição precisa – o que, aliás, não é possível –, mas a dinâmica de suas interações.

O teletrabalho e suas variáveis

Num sentido restritivo, teletrabalho pode ser definido como trabalho à distância com utilização de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). Num sentido extensivo, utilizado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), o teletrabalho deve ser conceituado quanto a diferentes variáveis:

- a) local/espço de trabalho;
- b) horário/tempo de trabalho (tempo integral ou parcial);
- c) tipo de contrato (trabalho assalariado ou independente);
- d) competências requeridas (conteúdo do trabalho).

Combinando todas estas variáveis, é grande a quantidade de modalidades ou formas que o teletrabalho pode, pelo menos teoricamente, assumir. O que justifica, plenamente, a qualificação de “flexível”. Podemos, para fins de apoio à conceituação, identificar seis categorias de teletrabalho: 1) trabalho em domicílio, SOHO (Small Office Home Office), 2) em escritórios satélites (extensões atomizadas de uma empresa

central), 3) telecentros ou telecottages (estabelecimentos que oferecem postos de trabalho a empregados de uma ou várias organizações, ou serviços telemáticos a clientes remotos; normalmente próximos do domicílio ou regionais), 4) trabalho móvel (fora do domicílio ou do centro principal de trabalho, como viagens de negócios, trabalho de campo ou nas instalações do cliente), 5) empresas remotas ou *off-shore* (call-centers ou teleserviços, através dos quais empresas européias e americanas instalam os seus escritórios-satélites ou subcontratam empresas de tele-serviços de outras zonas do globo com mão-de-obra mais barata, pondo em prática o chamado teletrabalho *off-shore*), 6) informal ou teletrabalho misto (arranjo com o empregador para trabalhar algumas horas fora da empresa).

Mas, ainda, muitas combinações no interior destas classificações se mostram viáveis: o teletrabalho pode ser ocasional e não se traduzir em mudança de contrato (informal); pode ser uma forma de trabalho alternado (alternar em domicílio e na empresa); pode ser por transbordamento (conexão às preocupações profissionais 24/24hs e interação com diferentes formas de solicitações como mail, telefone celular, fax, etc.), existindo ainda outras combinações possíveis, inclusive informal com assalariado (trabalha na empresa de dia e executa teletrabalho independente fora do horário de trabalho assalariado, normalmente à noite). Em suma, combinando todas estas possibilidades (em termos de local, de horário e de situação sócio-profissional) facilmente vemos o grande espectro de combinações possíveis e a diversidade de formas que o teletrabalho pode assumir.

IHU On-Line - Qual é a conexão entre autonomia e teletrabalho? Ele é fruto de uma sociedade que vem reivindicando a autonomia do sujeito acima de tudo?

Cinara Rosenfield - As TICs, *a priori*, exigiriam maior qualificação e competência nas suas tarefas de natureza “inteligente” e imaterial, o que apontaria para uma redução da divisão do trabalho entre os que concebem e os que executam o trabalho e a uma maior margem de autonomia no trabalho. Entendemos aqui que a chamada sociedade da informação remete não somente e estritamente ao trabalho no setor de informação e telecomunicação, já que a presença e potencialidades das TICs acabam por transformar as formas de operacionalizar, de gerir e de trabalhar nas mais diversas atividades. O modelo de empresa em rede nas mais variadas áreas de atividade, por exemplo, possibilita a inclusão ou exclusão de novos componentes, em qualquer tempo ou local sem grandes custos; possibilita a interatividade em tempo real com fornecedores, clientes, subcontratados ou empregados; favorece uma maior flexibilidade, uma interação descentralizada, de fácil modificação, e, simultaneamente, maior controle sobre as atividades da empresa; além de propiciar a personalização da produção e dos serviços, segundo as necessidades de cada cliente.

Autonomia no trabalho

A autonomia no trabalho restringe o conceito filosófico de autonomia: como falar em autogovernança e autodeterminação seja para o trabalho assalariado seja para o trabalho independente, mas subordinado às demandas e ao ritmo do mercado? A autonomia no trabalho pode significar o controle que têm os trabalhadores sobre a sua própria situação de trabalho – não o controle exercido por outrem mas por si próprio, sobre os elementos do trabalho – e a realização do sentido que este controle tem para o sujeito. A autonomia no trabalho integra, pois: 1) uma dimensão operacional ligada às exigências funcionais, operacionais, que remetem à organização do trabalho; 2)

outra identitária, marcada pela busca de afirmação de si, de liberdade, de realização, conforme a idéia de um individualismo-emancipação, 3) e ainda uma dimensão social – e para tal nos apoiamos na teoria do reconhecimento de Axel Honneth²⁶ –, uma vez que o identitário é social, que a individualização e a inclusão social são os dois componentes dos processos de reconhecimento social. Estas duas últimas dimensões da autonomia remetem aos termos da pergunta: “a autonomia do sujeito acima de tudo?”, pois a autonomia individual é condição para a concepção do ser humano em situação de equidade, de igualdade. Sem autonomia individual o homem não pode funcionar como igual na vida moral.

Assim, apoiando-nos em Castells²⁷ (1999), nosso argumento é de que, enquanto no taylorismo a separação se dava entre aqueles que pensam e aqueles que executam, na sociedade da informação vê-se a distância entre aqueles que utilizam as informações para atingir objetivos definidos por eles mesmos – e, portanto, dispõem de autonomia – e aqueles que sofrem os “efeitos” do mercado de trabalho e da avalanche de informações – e que são reduzidos à dependência econômica e cultural. A ocupação informacional exige um elevado nível educativo, por parte do trabalhador, que deve ser capaz de tomar iniciativas. A autonomia é fundamental ao trabalhador da economia. Além disso, lhe é necessário aprender a aprender, ou seja, ter a capacidade de se reciclar continuamente, aprendendo na internet (*e-learning*), com os colegas de trabalho, mudando a forma de pensar e, sobretudo, sabendo o que aprender, como aprender e como aplicar o

²⁶ **Axel Honneth** (1949): filósofo e sociólogo alemão, professor do Instituto de Pesquisa Social, conhecido como Escola de Frankfurt. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁷ **Manuel Castells** (1942): sociólogo espanhol. (Nota da *IHU On-Line*)

conhecimento adquirido às atividades laborais. Tal tipo de trabalho Castells (2004) denomina como autoprogramável. Não obstante, mesmo a nova economia emprega também trabalho genérico, que, conforme o autor, trata-se de trabalho rotineiro, substituível e empobrecido.

O conceito de autonomia no trabalho parece-nos ser capaz de condensar esta ambigüidade e este paradoxo, com a mesma riqueza que serviu na compreensão da realidade da sociedade industrial pós-fordista. A realidade do teletrabalho é complexa e ambígua, pois há indícios de uma manutenção da divisão entre trabalhos “inteligentes” e trabalhos controlados e repetitivos, com a conseqüente redução de autonomia no trabalho. Além disso, as formas e os conteúdos de trabalho são os mais variados: vão do atendente de *call-center* ao trabalhador em domicílio, do teletrabalho móvel ao trabalho em empresas remotas ou *off-shore* (como o *call-center* de uma matriz francesa operado por trabalhadores na Tunísia). Pode, ainda, combinar diferentes vínculos de trabalho: pode ser ocasional, pode ser informal; pode ser uma forma de trabalho alternado (alternar em domicílio com TICs e na empresa sem); pode haver, ainda, outras combinações possíveis, inclusive trabalho informal combinado com trabalho assalariado.

IHU On-Line - Qual é o contexto do teletrabalho na sociedade da informação? No caso do Brasil, como as TICs ajudam a configurar um novo panorama no trabalho?

Cinara Rosenfield - Quanto à sociedade da informação, a tese de Manuel Castells (1999), baseada no conceito de sociedade em rede, defende uma diferenciação analítica, entre a sociedade da informação – um novo tipo societal – e a globalização – uma nova revolução capitalista que cria novas polaridades, desigualdades e formas de exclusão ao nível global. Um

novo paradigma de tecnologia da informação forma a base material da sociedade da informação que se mantém enquanto sociedade capitalista a despeito da diversidade cultural e institucional destas sociedades.

Em torno das tecnologias da informação, há uma infinidade de inovações técnicas que avançam na medida em que se cria uma interface entre os diversos campos da tecnologia através de uma linguagem digital, na qual a informação é produzida, acumulada, processada e transmitida. O conceito de paradigma tecnológico cunhado por Castells auxilia na compreensão da essência da transformação tecnológica atual na medida em que esta última interage com a sociedade e a economia. Os aspectos centrais deste paradigma, no conjunto, formam a base material da sociedade da informação: 1) a informação é a matéria-prima do novo paradigma; 2) como a informação é uma parte fundamental da atividade humana, os novos meios tecnológicos moldam diretamente a esfera da existência individual e coletiva; 3) a lógica das redes envolve qualquer tipo de relações usando as novas tecnologias de informação; 4) o paradigma tecnológico da informação é baseado na flexibilidade; 5) tendência de convergência de tecnologias específicas para um sistema altamente integrado.

Teletrabalho e flexibilidade

Para Castells, embora sendo a reestruturação do capitalismo e a difusão do informacionalismo processos globais, seria impróprio, de certo modo, falar em uma Sociedade Informacional, pois cada país, cada região esteve e está ligada a esse processo de forma diferente. Entretanto, poder-se-ia falar em Sociedade Informacional tal como já se falou em Sociedades Industriais, no sentido de se referir às características comuns de sistemas sociotécnicos. Mas é preciso levar em consideração duas ressalvas: as

sociedades informacionais, como existem atualmente, são capitalistas e, devemos acentuar a diversidade cultural e institucional das sociedades informacionais. Assim, não se corre o risco de homogeneizar as peculiaridades de cada nação, mas, também, não se perde de vista o processo mais amplo a que todas elas estão submetidas, ou seja, o fato de que todos os países, no futuro, serão cada vez mais sociedades informacionais.

Ora, o teletrabalho é emblemático como modalidade de trabalho das sociedades informacionais. O teletrabalho não pode ser conceituado simplesmente como trabalho à distância, mas sim como um elemento das mudanças organizacionais estratégicas que apontam para novas formas de trabalho flexível sustentadas por TICs. A flexibilidade pode ser indicada por vários elementos: tempo, local, contrato, subordinação, organização funcional.

Há uma relação estreita entre o surgimento do teletrabalho e a propalada flexibilidade exigida e necessária à organização para garantir competitividade. A flexibilidade para o empregador traduz-se em horários flexíveis, polivalência, aumento e redução do número de empregados conforme a demanda. Traduz-se também em várias formas de contrato: subcontratação, meio turno, tempo determinado, trabalho em domicílio. O teletrabalho é uma destas opções.

O teletrabalho, pois, acaba por se combinar com trabalho atípico, flexível, podendo ser ou não precário. A autonomia é eventual e está, geralmente, associada com a flexibilidade quanto ao tempo, ao horário de trabalho. O teletrabalhador tem autonomia para gerir o tempo, mas, paradoxalmente, não tem controle sobre o seu tempo de trabalho, pois este é determinado pelos ditames do volume de trabalho, ou seja, é preciso sempre responder às demandas de trabalho, sem restrição de tempo ou disponibilidade.

Pode-se afirmar que o uso das TICs já configura um novo panorama no trabalho, no caso do Brasil e também no resto do mundo, mas não se pode dizer o mesmo do teletrabalho. Este ainda é incipiente, sendo que a sua forma mais difundida é o trabalho em *call-centers*.

IHU On-Line - Quais são os principais desafios dessa nova forma de trabalhar?

Cinara Rosenfield - A apologia do teletrabalho repousa sobre as perspectivas que esta forma de trabalho oferece para a integração de pessoas e regiões desfavorecidas, de pessoas com mobilidade reduzida, para a diminuição da poluição através da redução dos deslocamentos, para a projeção de novas perspectivas profissionais e outros campos de trabalho. Repousa também sobre o argumento de uma repartição mais equânime das fontes de conhecimento, além da possibilidade de combinar vida privada e trabalho através da flexibilidade que oferece quanto ao tempo e local de trabalho.

No entanto, a prática do teletrabalho aponta para algumas dificuldades: substituição das relações humanas pessoais e diretas por relações à distância, mediatizadas pelas tecnologias de informação e comunicação (a pessoa substituída pela sua "imagem" textual, sonora ou visual, na máquina), o isolamento profissional e, no caso de assalariamento, as dificuldades de avaliação do trabalho e as conseqüentes perspectivas de promoção de carreira, as dificuldades de gerir a falta de limites claros entre tempo e espaço privados e públicos (que constitui também e justamente uma das principais virtualidades do teletrabalho), como, por exemplo, trabalhar em casa aos domingos, o trabalho invadir a privacidade do lar, as restrições ao uso do espaço e recursos pelos demais membros da família, o uso comum do telefone e/ou

computador para trabalho e pela família.

IHU On-Line - O que implica a divisão entre trabalhos inteligentes e trabalhos controlados e repetitivos ligados às TICs?

Cinara Rosenfield - O conceito de autonomia no trabalho, repetimos, lança mão de duas questões: 1) suas exigências funcionais, operacionais, que remetem à organização do trabalho; 2) a busca de afirmação de si, de liberdade, de realização e que remete à sua dimensão identitária e de reconhecimento social. A primeira delas parece relativamente contemplada no caso do teletrabalho, uma vez que a flexibilidade que lhe é inerente atende às demandas de maior produtividade e menores custos - a mobilidade do teletrabalho remete à flexibilidade exigida pelos métodos organizacionais, de maneira a reagir rapidamente - e, do lado do trabalhador, reverte em maior autonomia referente a um grande escopo de variação dos arranjos de tempo e de lugar de trabalho. Ao trabalhar por projetos ou por objetivos, o contratante estipula um prazo-limite (deadline) ou performances a atingir e não tarefas. Esta é a combinação a que responde o teletrabalho: maior pressão por flexibilidade na utilização das competências do trabalhador, de um lado, e arranjos pessoais no tempo e local de trabalho do trabalhador, de outro.

A partir daí, colocar-se a questão da autonomia no teletrabalho em suas dimensões identitária e de reconhecimento social mostra-se bem mais complexo e de difícil resposta. Vários elementos contribuem neste sentido: 1) é raro de se encontrar o teletrabalhador “puro” (que só teletrabalha), pois há várias combinações: teletrabalho com assalariamento tradicional, o que inclui estabilidade combinada com flexibilidade; ou precariedade em estado puro, como aquele trabalhador

que teletrabalha por estar desempregado e necessitar criar formas alternativas de renda; ou alta qualificação e teletrabalho independente e instável; 2) mesmo no caso do teletrabalhador “puro”, quando trata-se de trabalho independente, este precisa garantir trabalho e sustento e sujeitar-se a muita coisa, inclusive trabalhar a qualquer momento para responder à demanda, sem possibilidade de conciliar satisfatoriamente trabalho e vida privada - ou “vida remunerada e vida não remunerada”; 3) há variadas formas de monitoramento eletrônico do trabalho, o que restringiria as formas de autonomia e autodeterminação;

IHU On-Line - Muitas tarefas ligadas às TICs são pré-estruturadas, o que se traduz num trabalho monótono, repetitivo, sem criatividade nem iniciativa, nos moldes de um “taylorismo informacional”...

Cinara Rosenfield - Neste sentido, o estudo da autonomia no trabalho informacional aponta para uma forte similaridade com as discussões no âmbito do pós-fordismo. A sociedade da informação não cria somente empregos com alta qualificação, mesmo mantendo uma essência relacional e imaterial, este trabalho pode também ser repetitivo, rotineiro e automatizado. Nas atividades ligadas às TICs de alto controle explícito - como *call centers* -, o controle é simultaneamente de eficácia e de atitude mas em tempo real. As margens de autonomia diminuem e o controle direto aumenta. Igualmente, quando o trabalho exige maior qualificação, as margens de autonomia são geralmente maiores. Trabalho mais qualificado e mais autônomo significa controle indireto e anterior ao próprio trabalho.

IHU On-Line - A situação de precariedade cada vez maior do emprego está relacionada ao

crescimento do teletrabalho como forma alternativa?

Cinara Rosenfield - Não necessariamente o teletrabalho se associa à precariedade. Existe o teletrabalho precário mas existe também o teletrabalho no seio de grandes empresas, como IBM e HP, que atinge trabalhadores considerados estáveis no mercado de trabalho. Neste sentido o teletrabalho está mais relacionado à flexibilidade do que à precariedade. Um contexto de precarização e flexibilização do emprego associado a mudanças na organização do trabalho nas sociedades capitalistas impõem um novo padrão de

implicação no trabalho por parte do trabalhador. O trabalho – como padrão, o que não significa a inexistência de trabalho taylorista, precário, penível – tornou-se mais variado e mais complexo, o conteúdo e a natureza do trabalho tornaram-se mais ricos, visto uma maior demanda de investimento subjetivo e de mobilização da inteligência. O trabalho tornou-se mais instigante e, em muitos casos, imaterial. É possível, pois, supor que este quadro represente ganhos para os trabalhadores, já que o trabalho tornou-se mais interessante e flexível. Mas não significa ganhos para todos.

Os Inconfidentes

História do Brasil e Cinema

Os inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade, é o filme que será exibido e discutido pela Prof.^a Dr.^a Miriam de Souza Rossini, docente na UFRGS, neste sábado, 20 de maio, dentro da programação do evento **História do Brasil e Cinema**. A exibição do filme começa às 8h30min. O debate com o público acontece até às 12h30min. Faça já sua inscrição para o evento no sítio do IHU: www.unisinos.br/ihu.

IHU Repórter

Rosana Roth



Não desistir, ir sempre em frente sem abandonar as metas traçadas na vida, é o conselho que os alunos da professora Rosana Roth recebem. Ela foi. Batalhou para conciliar a maternidade, então recente, com a graduação e com os cursos de idiomas, que sempre manteve paralelamente. Recém-formada, esforçou-se para conseguir um estágio em Londres com a empresa onde trabalhava, até que obteve os subsídios que viabilizaram sua ida. Graduada e mestre em Administração de Empresas pela Unisinos e, há seis anos na casa, hoje é coordenadora adjunta do curso de Comércio Exterior da Unisinos.

Origens – Nasci em Novo Hamburgo, mas moro desde um ano de idade em São Leopoldo. Meu pai, Marino, é de origem alemã, é de São Leopoldo; e minha mãe, Lorena, é de Novo Hamburgo. O pai se aposentou como policial rodoviário federal e a mãe sempre cuidou da casa. Tenho dois filhos, a Fernanda, de 21 anos, que faz Biologia aqui, e o Arthur, de 12 anos.

Trajetória profissional – Formei-me em 1990, em Administração de Empresas – Habilitação em Comércio Exterior. Depois de formada, fiquei seis meses em Londres. Fui fazer um estágio pela empresa suíça, onde eu trabalhava, a Panalpina, operadora logística. Na época, tinha uma filha de seis anos, mas consegui que me dessem subsídios para eu fazer esse intercâmbio. Quando retornei do exterior, fiz um curso sobre a integração no Mercosul, na UFRGS e depois entrei no Mestrado, em Administração (PUC-Rio/ UNISINOS). Quando eu já tinha 360h no Mestrado e podia ser considerada especialista fiz uma seleção na Unisinos e não passei, fiquei arrasadíssima. Não tinha nenhuma experiência docente até então. Um dia, o coordenador do curso, o professor Ubirajara Dall Bello, me contou que havia uma vaga na Faculdade Metodista de Santa Maria e sugeriu que eu começasse lá e tentasse a seleção no

semestre seguinte aqui na Unisinos. Fui contratada na Faculdade Metodista. Ia segunda-feira para Santa Maria, chegava quase no horário da aula, dormia na faculdade e na terça-feira ainda dava aula à noite, retornando na madrugada para São Leopoldo. Cumpri essa rotina por um ano. No segundo semestre deste mesmo ano, passei no concurso na Univates, em Lajeado, e iniciei na Unisinos. Precisei, então, conciliar os horários de trabalho nas três instituições. Depois, fui direcionando mais meu trabalho para a Unisinos, onde peguei mais horas na coordenação do estágio e este ano, juntamente com o professor Ivan Garrido, coordenador executivo, iniciei na coordenação do curso de Comércio Exterior.

Influências – Sabemos que, numa época passada, geralmente não se era empregado. Ou trabalhava-se como operário de firma ou abria-se um pequeno negócio. Meu avô sempre foi muito empreendedor. Ele teve tambo de leite, tinha cavalos, caminhão de transporte, depois teve uma guarapeira – um trailer que vendia suco de cana, guarapa. De certa forma era um administrador. É possível que alguma coisa venha daí. Sempre gostei da docência, desde criança. No começo da carreira trabalhei muito em empresas, mas acabei me direcionando para a profissão de docente. Gostava da idéia de ensinar, de transmitir, mas não é só isso, aprendo muito com os alunos, é uma constante troca. Os alunos que estão no mercado trazem muitas coisas novas, e eu procuro sempre estudar porque o comércio exterior é uma área muito dinâmica e exige isso do profissional.

Dicas – Sempre digo que cada um tem de ir atrás do seu sucesso. O plano de carreira somos nós que traçamos. Lógico, há oportunidades, a sorte influencia, mas a capacidade é determinante. É fundamental dominar o inglês e, preferencialmente, buscar outros idiomas. Uma dica legal é procurar fazer vários estágios. Essa é uma carreira que abre várias possibilidades de atuação e é importante conhecê-las. Logística, câmbio, negociação internacional, pesquisa de mercado e marketing, importação, exportação, são alguns exemplos, é muita coisa. Outro ponto relevante é participar sempre de eventos e seminários. Assim vai se criando uma rede, trocando cartões, o relacionamento é muito importante.

Lembranças – A infância foi muito legal porque eu morava em uma chácara e passava subindo em árvores. Depois do almoço eu ia para o pomar colher bergamota ou goiaba. Era muito bom, havia muita liberdade.

Filme – *Um lugar comum*, de Alejandro Agresti. É um filme argentino que fala de um homem que foi professor durante anos e se aposenta. A trama fala sobre o choque que é deixar para trás o trabalho, a dedicação de uma vida toda, aquilo que se gosta de fazer.

Livro – *Arando o mar*, de Michael Fairbanks e Stacey Lindsay. O livro fala da dificuldade que os países latino-americanos, muitas vezes, têm de competir internacionalmente, tendo todos os fatores favoráveis de produção como clima, trabalho, mão-de-obra barata e extensão de terras; e que mesmo assim não conseguem ser tão competitivos, como, por exemplo, a Holanda que cabe sete vezes no Rio Grande do Sul. Falta ainda essa questão do uso da tecnologia, do comprometimento do governo etc.

Autor – José Saramago.

Lazer – Gosto de caminhar e de ver filmes. Cinema é o que me relaxa, o que me faz esquecer de toda a carga do cotidiano.

Unisinos – Qualquer empresa, principalmente as grandes, sofrem mudanças para poder se manter no mercado. Se não promover essas mudanças, a tendência é ficar parada no tempo. A competição está muito grande, aumentou muito. A Unisinos sempre teve que se adequar às novas realidades. Acho que muita gente que saiu talvez tenha saído desgostosa, e isso é natural. Quem fica, porém, tem que pensar no trabalho a ser feito. Não dá para pensar em demissão

enquanto se trabalha, acho que tem que levantar (e não abaixar) a cabeça e trabalhar bem. São mudanças contingenciais, tinha de acontecer. É uma grande empresa que tem uma estrutura que cresceu muito e para manter uma estrutura assim diante de várias pequenas que vão surgindo ao redor, é complicado, o que exige muito trabalho e determinação.